

Jairo da Silva e Silva
Jaime Barradas da Silva
Davi Adam Guimarães da Silva
(Organização)

ENTRE BOTOS E KURUPYRAS:
NARRATIVAS DA ALDEIA

Jairo da Silva e Silva
Jaime Barradas da Silva
Davi Adam Guimarães da Silva
[Org.]

Entre botos e kurupyras: narrativas da ALDEIA

1ª edição

Editora Itacaiúnas
Ananindeua – PA
2025

©2025 por Jairo da Silva e Silva, Jaime Barradas da Silva, Davi Adam Guimarães da Silva (Organizadores)

©2025 por diversos autores

Todos os direitos reservados.

1ª edição

Conselho editorial / Colaboradores

Márcia Aparecida da Silva Pimentel – Universidade Federal do Pará, Brasil

José Antônio Herrera – Universidade Federal do Pará, Brasil

Márcio Júnior Benassuly Barros – Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Wildoberto Batista Gurgel – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil

André Luiz de Oliveira Brum – Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Mário Silva Uacane – Universidade Licungo, Moçambique

Francisco da Silva Costa – Universidade do Minho, Portugal

Ofélia Pérez Montero - Universidad de Oriente – Santiago de Cuba, Cuba

Editora-chefe: Viviane Corrêa Santos – Universidade do Estado do Pará, Brasil

Editor e web designer: Walter Luiz Jardim Rodrigues – Editora Itacaiúnas, Brasil

Editor e diagramador: Deividly Edson Corrêa Barbosa - Editora Itacaiúnas, Brasil

Editoração eletrônica, diagramação e capa: Walter Rodrigues

Revisão: dos autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

EN61 Entre botos e kurupyras: narrativas da ALDEIA [recurso eletrônico] / vol. 1. vários autores; organizado por Jairo da Silva e Silva, Jaime Barradas da Silva, Davi Adam Guimarães da Silva – Ananindeua: Itacaiúnas, 2025.

97 p.: il.: PDF , 1,0 MB.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-9535-310-7 (Ebook)

DOI: 10.36599/itac-978-85-9535-310-7

1. Letras. 2. Linguagem. 3. Narrativas. 4. Prosa. 5. Poesia. I. Título.

CDD 400

CDU 81

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguagem 370
2. Linguística e Línguas 81

E-book publicado no formato PDF (Portable Document Format). Utilize o software [Adobe Reader](#) para uma melhor experiência de navegabilidade nesta obra.

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](#)

Esta obra foi publicada pela **Editora Itacaiúnas** em fevereiro de 2025.



*A todos os povos originários, os quais foram os primeiros
a pisar por cima desse chão;*

*A todas as mulheres originárias, costureiras da palavra
oral, tecelãs da existência, e, principalmente, da resistência,*

À rede de parentela em sua completude, formada por gente e por quem não é;

Aos manos botos e aos Kurupyras guardiões;

Dedicamos.

Somos parentes de tudo que flui. De tudo que se desdobra, somos parentes. O gavião é parente da serpente que se enrodilha, como se de si se desembainhasse. O sopro de vento névoa, pelos ares formando, são as palavras formosas de nossos avós. Somos parentes dos que na água vivem juntos de Jasuká Sy ete, mãe primeira, tataravó da avó que vemos. Somos parentes dos mortos e das montanhas, parentes de Ñamandu, cujo coração é o sol, tataravô deste sol que vemos.

Sobre as folhas caídas o Jaguar ete (a onça pintada) ensina silêncios nos passos que dá. Somos parentes da noite e da neblina, lírios de vento-névoa, saber que se desdobra, saber que desdobra as coisas. Aprendemos a paciência das pedras com a profundidade das raízes. Parentes da serpente última primeira.

A flecha é parente do arco, assim como a caça é parente do caçador, a canoa é parente do rio e o rio é parente dos peixes e dos seres que nele vivem, dos seres que com ele habitam, dos mundos que nele há. Um parente cuida do outro, um parente se preocupa com o outro.

Iberê Guarani M'byá.¹

¹ GUARANI M'BYÁ, Daniel Iberê. Hekorya ryapuko póvae: Somos parentes de tudo que vive e pulsa. **Xapuri Socioambiental**, 27 fev. 2021. Disponível em: <https://xapuri.info/parentes-de-tudo-que-vive-e-pulsa/>. Acesso em: 30 set. 2024.

SUMÁRIO

Apresentação: somos apenas uma parte da natureza!	10
<i>Jairo da Silva e Silva, Jaime Barradas da Silva e Davi Adam Guimarães da Silva</i>	
Como trabalhar a temática indígena na sua escola: possibilidades didáticas desde a literatura produzida por escritoras indígenas.....	15
<i>Jairo da Silva e Silva, Jaime Barradas da Silva, Benedito Maciel e Maciel e Davi Adam Guimarães da Silva</i>	
Parte I - Entre botos: narrativas da ALDEIA	29
I. O boto encantador.....	30
<i>Davi Adam Guimarães da Silva</i>	
II. Lá vem	31
<i>Alana Marques Corrêa</i>	
III. Tormenta!	32
<i>Anderlei Carneiro Vilhena</i>	
IV. O boto	33
<i>Anne Caroline Viegas André</i>	
V. Boto camarada	34
<i>Antonilda da Silva Santos</i>	
VI. No encanto das águas, o boto é que nada.....	35
<i>Benedito Maciel e Maciel</i>	
VII. Seu Botinho	36
<i>Brenda Miranda Portugal</i>	
VIII. Uma amizade mística	37
<i>Cláudio José Dias</i>	
IX. Os botos.....	39
<i>Cleison Correa Gonçalves</i>	
X. Por que o boto?	40
<i>Douglas César Pinheiro Santos</i>	
XI. Maya.....	41
<i>Elivan Cardoso Quaresma</i>	
XII. O boto cor-de-rosa	42
<i>Erik da Silva Rodrigues</i>	
XIII. Família de botos.....	43
<i>Giovana Lobato Baia</i>	

XIV. Boto amigo	44
<i>Ilsanete Maria Macêdo Simões</i>	
XV. D´outro lado da janela	45
<i>Jaime Barradas da Silva</i>	
XVI. Mano boto	46
<i>Jairo da Silva e Silva</i>	
XVII. No Rio Maratauíra.....	47
<i>Jociel Ferreira</i>	
XVIII. Coisa de boto.....	48
<i>José Lucas Ferreira Quaresma</i>	
XIX. A bota	49
<i>Jubila Dias Santos</i>	
XX. Boto do Rio Bacuri.....	50
<i>Larissa dos Santos Brabo</i>	
XXI. Não foi o boto	51
<i>Maria Benedita dos Santos Ferreira</i>	
XXII. O boto.....	52
<i>Maria Helena dos Santos Pimentel</i>	
XXIII. Boto Tucuxi.....	53
<i>Maria Leonice Belo Araújo</i>	
XXIV. Às margens do Rio Cataiandeua	54
<i>Mateus Monteiro de Sousa</i>	
XXV. Às margens do Rio Maratauíra.....	55
<i>Myllena dos Santos Monteiro</i>	
XXVI. Tem boto no meu quilombo	56
<i>Raquel Rodrigues Pinheiro da Luz</i>	
XXVII. Os botos do meu Pará	57
<i>Tatiara Ferranti Nery</i>	
XXVIII. O boto da fartura.....	59
<i>Zenildo dos Santos Quaresma</i>	
Parte II - Entre kurupyras: narrativas da ALDEIA	60
I. Guardiã da Floresta	61
<i>Davi Adam Guimarães da Silva</i>	
II. Curupira.....	62
<i>Alana Marques Corrêa</i>	
III. Curupira, o guardião da floresta	63
<i>Anne Caroline Viegas André</i>	

IV. O Kurupira que me encanta	64
<i>Antonilda da Silva Santos</i>	
V. Guardião da floresta, o curupira	65
<i>Benedito Maciel e Maciel</i>	
VI. Curupira, o espírito da mata	66
<i>Brenda Miranda Portugal</i>	
VII. Kurupira, o Menino Protetor.....	67
<i>Cláudio José Dias</i>	
VIII. Curupira, o protetor	68
<i>Cleison Correa Gonçalves</i>	
IX. O guardião da floresta	69
<i>Douglas César Pinheiro Santos</i>	
X. Curupira: guardião da floresta.....	70
<i>Elivan Cardoso Quaresma</i>	
XI. Curupyra: guardião da floresta	71
<i>Erik da Silva Rodrigues</i>	
XII. Curupira, um ser ativo	73
<i>Giovana Lobato Baia</i>	
XIII. Conto do Curupira	74
<i>Ilsanete Maria Macêdo Simões</i>	
XIV. A lição do Kurupyra.....	75
<i>Jairo da Silva e Silva</i>	
XV. Os pés virados.....	77
<i>José Lucas Ferreira Quaresma</i>	
XVI. Curupira no Rio Bacuri	78
<i>Larissa dos Santos Brabo</i>	
XVII. Amor curupira	79
<i>Maria Benedita dos Santos Ferreira</i>	
XVIII. O Kurupyra	80
<i>Maria Helena dos Santos Pimentel</i>	
XIX. Poema da Kurupira.....	81
<i>Maria Leonice Belo Araújo</i>	
XX. Curupira: guardião da floresta.....	82
<i>Mateus Monteiro de Sousa</i>	
XXI. Defensor da natureza e da Amazônia	83
<i>Myllena dos Santos Monteiro</i>	

XXII. Histórias de Curupira.....	84
<i>Tatiara Ferranti Nery</i>	
XXIII. Às margens do Rio Muru.....	86
<i>Zenildo dos Santos Quaresma</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	88
SOBRE OS AUTORES	90

Apresentação: somos apenas uma parte da natureza!

Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres - humanos e não humanos.
(Ailton Krenak)

Durante a organização deste livro, “Entre botos e kurupyras: narrativas da ALDEIA”, completa-se 1 ano desde a eleição do intelectual Ailton Krenak como o primeiro indígena eleito imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), a contar da data de sua fundação, em 20 de julho de 1897, a mais alta casa das letras do português brasileiro². O grito sufocado desde a invasão; o berro abafado pela colonização; o brado silenciado pela modernidade/colonialidade; as línguas nativas exterminadas; as literaturas originárias – agora se farão ouvir por uma voz que a muitas vozes representa; abrindo caminhos para outras vozes que secularmente pedem passagem, que precisam ser ouvidas.

De mais a mais, o imortal indígena segue nos lembrando que uma das inigualáveis dissensões entre os vieses ocidentais e originários consiste na forma de se conceber o mundo, como se vê na epígrafe que inaugura este texto inicial, publicada em “Futuro Ancestral”, o seu mais recente livro (Krenak, 2022).

Na perspectiva de herança europeia, é notável a relação com a natureza conforme as regras das leis da física; nesse viés, os seres humanos são uma força da natureza, no entanto, exterior a ela; logo, possuem a potente capacidade para agir sobre a natureza como bem entenderem. Acreditam, por exemplo, que são os donos da terra.

Já nas sociedades originárias, o inverso. Sem verticalidade alguma e sem nenhuma hierarquia, as sociedades indígenas assentem à natureza características humanas, incluindo-a numa organização social única. Aqui, não há o que se falar em ter/possuir a terra, senão ser a própria terra, assim como ensina o intelectual Casé Angatu Xukuru Tupinambá (2019, online):

Nós não somos donos da terra, nós somos a terra. O direito congênito, natural e originário é anterior ao direito da propriedade privada. Não estamos lutando por reforma agrária. Pelo fato de nós sermos a terra, temos o direito de estarmos na terra e o direito de proteger o que chamamos de sagrado, a natureza, é ela que nos nutre e nós a nutrimos à medida que a protegemos. Fazemos isso para

² Krenak eleito. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/krenak-eleito>. Acesso em: 05 out. 2024.

proteger o nosso sagrado, e a natureza e a terra são sagradas. Trata-se de uma luta por um direito natural.

Nessa luta pelo direito natural à terra, a colonização e sua continuidade, a colonialidade, foi nos alienando desse organismo do qual somos parte, e “passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2019, p. 10). Nesse sentido, entendemos, pois que:

A terra é um corpo que murmureja.

Ela vê, ouve, fala, sente.

Ela é viva!

Experimentemo-nos deitar no terreiro, onde cada grão se agita, onde cada grão se move, salta; são vivos!

É recíproco!

A terra é nosso colo, ela nos abraça e nós a abraçamos também.

Um dia nossos corpos voltarão à casa da Terra Mãe, em definitivo.

Em seu seio, um dia nos acolherá para sempre.

Somos dela.

A ela pertencemos.

A ela retornaremos.

O fio que tece a vida é o mesmo que entrelaça o corpo na teia da morte.

O nosso viver é um fio que está ligado à terra.

Firmado está o meu pé na terra que me sustenta e não tenho poder algum sobre ela.

Ela é que apruma o meu pisar.

Meu pisar sustenta meu corpo.

Meu corpo é apenas mais um que pulsa na e pela natureza.

Digo que sou mais um, porque *somos parentes de tudo que vive e pulsa*.

Comungamos com o ensinamento de Nina Pacari, intelectual do povo Kichwa Otavalo - situado no norte do Equador:

Para los pueblos indígenas el concepto occidental de naturaleza queda como simple, frente al concepto de *pachamama*, que es madre tierra, madre espacio, madre tiempo

[...]

Por ejemplo, el viento tiene vida, y por eso el viento es travieso y forma parte de nuestros relatos. El viento tiene su relación con el sol como parte de la luz y de la energía y también tiene parte que ver con el sujeto ser humano. Todos estos elementos son hermanos, en las mismas condiciones, como iguales en cuanto a su racionalidad

[...]

Ya que todos somos energía, pero no una energía de una corriente, sino de otro tipo. Hay un mundo de energías que tienen las cosas, las personas, los ambientes. Al ser un mundo de energías hay vida

[...]

Acerca de si la naturaleza tiene derechos, no olvidemos que la *pachamama*, digamos a la manera occidental la naturaleza es todo, el suelo, el subsuelo, los animales, las plantas, las energías, es todo lo que tiene sentido y le da sentido a la vida (Pacari, 2017, online).

Sob tal compreensão, é que o Projeto de Extensão “**ALDEIA - Artes e Linguagens: Dialogando com as Epistemologias Indígenas na Amazônia (paraense)**”³, apresenta como produto de culminância de sua 1ª edição, o e-book “Entre botos e kurupyras: narrativas da ALDEIA”, uma coletânea de narrativa, causas e causos sobre nossos parentes *mano boto* e *curupira*, guardião das florestas. Mas não somente, pois, dedicamos um capítulo direcionado a educadores(as): “Como trabalhar a temática indígena na sua escola: possibilidades didáticas desde a literatura produzida por escritoras indígenas” – sugestões que foram testadas e comprovadas ao longo dessa 1ª edição do Projeto **ALDEIA**.

O livro é resultado das experiências e pesquisas realizadas durante as duas oficinas realizadas durante o projeto, desde a perspectiva das Literaturas Indígenas, “Histórias de boto” e “Histórias de kurupyra”, com o intuito de dar a conhecer a literatura indígena e os

³ Estendemos nossos agradecimentos à *Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal do Pará (PROEX/IFPA)*, o qual possibilitou o financiamento do projeto no âmbito do Edital N° 01/2024 –PROEXTENSÃO/IFPA. De igual modo, também agradecemos aos dois discentes do Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Abaetetuba, os quais atuaram como bolsistas no referido projeto, *Benedito Maciel e Maciel* (ensino superior) e *Davi Adam Guimarães da Silva* (ensino médio técnico integrado). Gratidão!

seus encantados. Apresentamos o boto e o kurupyra para figurar seus respectivos pertencimentos e relação com a identidade e cosmologias de vários povos originários.

Quando o *boto* e o *curupira* aparecem na literatura indígena como personagem, não podem ser lidos apenas como esta categoria, mas compreendido além; devem ser lidos como personagens-seres, personagens-encantados, e não personagens-folclóricos.

Explica a intelectual Trudruá Dorrico (2021) que, por século, o dispositivo oral dos povos indígenas tem sido silenciado/inferiorizado como folclore ou popular (Casculo, 2006), destituindo de autoria e autoridade os povos originários sobre suas próprias crenças e experiências, que contemporaneamente guiam suas práticas socioculturais:

Reivindicando o seu lugar de fala, os/as escritores/as indígenas dialogam com a sociedade dominante sobre suas narrativas e elementos de fé, ao publicarem obras que desvelam a ontologia de seus povos. A escrita/autoria indígena, nesse sentido, é uma nova tecnologia da memória (Daniel Munduruku), na medida em que fortalece o povo indígena ao distribuir a narrativa no formato do livro, ao mesmo tempo que diminui a distância entre sociedade dominante e povos indígenas ao dar-se a conhecer, desmistificando imagens ossificadas de que os povos indígenas são seres do passado, e suas crenças elementos folclóricos como unicamente e originadas pela identidade nacional (brasileira) (Dorrico, 2021, online).

Os autores e as autoras dos textos de “Entre botos e kurupyras: narrativas da ALDEIA”, são membros do Projeto de Extensão ALDEIA e cada participante apresentou uma escrita ficcional ou relato (auto)biográfico pessoal ou de família como exercício de escrita com o intuito de descolonizar a ideia folclórica que pesa negativamente sobre os povos indígenas. Ao escrever a partir do contato com a literatura indígena, exercendo a criatividade e a imaginação, buscamos propiciar a experiência positiva de lidar com outras formas de dar sentido ao mundo sem marginalizá-las.

Na certeza de que somos apenas uma parte da natureza, convidamos a todos(as) para um potente encontro com esses dois parentes, *mano boto* e *curupira*, o guardião das florestas!

Uma boa leitura a todos(as)!

Jairo da Silva e Silva
Jaime Barradas da Silva
Davi Adam Guimarães da Silva
Organizadores

Referências

CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2006.

DORRICO, Trudruá [Julie Dorrigo]. Literatura Indígena: Histórias de Boto. **Sympla**. 03 jul. 2021. Disponível em: <https://www.sympla.com.br/evento-online/literatura-indigena-historias-de-boto/1255148?referrer=www.google.com>. Acesso em: 02 out. 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PACARI, Nina. **¿Qué es la Naturaleza? Naturaleza con derechos**. 20 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3lp7dgK>. Acesso em: 02 out. 2024.

TUPINAMBÁ, Casé Angatu Xucuru [Carlos José Ferreira dos Santos]. Entrevista concedida a Ricardo Machado. **Instituto Humanitas Unisinos**, 31 jan. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oqAK4>. Acesso em: 02 out. 2024.

Como trabalhar a temática indígena na sua escola: possibilidades didáticas desde a literatura produzida por escritoras indígenas

Jairo da Silva e Silva⁴
 Jaime Barradas da Silva⁵
 Benedito Maciel e Maciel⁶
 Davi Adam Guimarães da Silva⁷

Resumo: Neste trabalho, apresentamos alguns dos desdobramentos de um projeto de extensão desenvolvido no âmbito do Campus Abaetetuba, do Instituto Federal do Pará (IFPA), cujo principal objetivo é contribuir para uma maior valorização e divulgação da riqueza, pluralidade, criatividade e diversidade em distintas culturas indígenas – principalmente aquelas que se situam no nordeste paraense, região geográfica em que se localiza o IFPA/Campus Abaetetuba – mediante a potencialidade pedagógica de tais conhecimentos em prol da desconstrução de equívocos, preconceitos e práticas racistas direcionadas a essas sociedades. As materialidades coletadas formam um arquivo disponível para elaboração de oficinas pedagógicas sobre variadas temáticas indígenas, dentre as quais, “E quem disse que toda indígena é uma Iracema?”, apresentada enquanto possibilidade didática de expressão da voz feminina indígena, a partir da literatura brasileira em interface com outras artes. Desta forma, para atendimento aos objetivos propostos, sob perspectivas da pesquisa qualitativa, fundamentamos este trabalho segundo pressupostos dos estudos discursivos produzidos no Brasil. Os resultados ratificam o quanto urge a necessidade de posições comprometidas com a desconstrução de representações fixas, totalizadoras, universalizantes que significaram os povos indígenas, bem como seus descendentes.

Palavras-chave: Literatura indígena. Escritoras indígenas. Educação.

1. Introdução

Este trabalho trata dos desdobramentos do “Projeto de Extensão **ALDEIA - Artes e Linguagens: Dialogando com as Epistemologias Indígenas na Amazônia (paraense)**”, cujo principal objetivo é contribuir para uma maior valorização e divulgação da riqueza, pluralidade, criatividade e diversidade em distintas culturas indígenas – principalmente aquelas que se situam no nordeste paraense, região geográfica em que se localiza o

⁴ Coordenador do Projeto de Extensão ALDEIA. Professor na área de Letras/Artes no Instituto Federal do Pará/IFPA-Campus Abaetetuba. Doutor em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC. E-mail: jairo.silva@ifpa.edu.br.

⁵ Extensionista Colaborador do Projeto de Extensão ALDEIA. Professor na área de História no Instituto Federal do Pará/IFPA-Campus Abaetetuba. Mestre em Artes e Doutorando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará/UFPA. E-mail: jaime.barradas@ifpa.edu.br.

⁶ Aluno Bolsista (Superior) do Projeto de Extensão ALDEIA. Estudante da Licenciatura em Geografia no Instituto Federal do Pará/IFPA-Campus Abaetetuba. Licenciado em Física pela Universidade Federal do Pará/UFPA. E-mail: ditomaciel@gmail.com.

⁷ Aluno Bolsista (Técnico) do Projeto de Extensão ALDEIA. Estudante do curso de Direito na Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia/FAM-Abaetetuba. E-mail: davi30x3@gmail.com.

IFPA/Campus Abaetetuba – mediante a potencialidade pedagógica de tais conhecimentos em prol da desconstrução de equívocos, preconceitos e práticas racistas direcionadas a essas sociedades. O material levantado forma um arquivo disponível para elaboração de oficinas pedagógicas sobre variadas temáticas indígenas destinadas tanto à comunidade da instituição mencionada, quanto à rede pública de ensino da região.

Justificamos este projeto, motivo da escrita deste texto, pela inscrição no processo de comprometimento com posições de desconstrução de representações fixas, totalizadoras, universalizantes que significaram os povos indígenas, bem como seus descendentes, desde a invasão do país, em 1500. Para tanto, o foco é a produção de mulheres indígenas. Evidenciamos, portanto, que o sujeito subalterno pode e deve falar.

Assim, apresentamos a oficina “E quem disse que toda indígena é uma Iracema?” enquanto possibilidade de expressão da voz feminina indígena, a partir da produção literária, artística, política, de várias mulheres indígenas brasileiras para além da representação de “Iracema” (Alencar, 1865/1991). Descrevemos, portanto, alguns resultados parciais do referido projeto, o qual é fundamentado teoricamente em postulados da Análise do Discurso⁸ - produzida no Brasil.

Quanto à organização deste trabalho, além desta parte introdutória, este texto é composto por outros três momentos: primeiramente, considerações sobre determinados efeitos de sentidos a partir de determinadas formações discursivas sobre o “ser indígena, ontem e hoje”; na seção seguinte, apresentamos a proposta didática a partir das materialidades coletadas durante a execução do projeto; e, nas considerações finais, as principais constatações, ponderações e perspectivas.

2. Formações discursivas sobre “ser indígena ontem e hoje”

Em se tratando das tradicionais famílias brasileiras que compõem as diversas sociedades indígenas, há mais de 525 anos que as dinâmicas que compreendem o colonialismo e, posteriormente, a globalização, procuram descaracterizar as suas respectivas autenticidades. Promovem, assim, práticas de dominação, bem como de alienação intelectual, impostas por práticas eurocêntricas, que submetem estes povos a violentas estratégias histórico-socioculturais de apagamento, de marginalização e, principalmente, de

⁸ “Campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise dos acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história” (Gregolin, 2017, p. 13).

silenciamento; com efeito, é nessa perspectiva que o discurso colonial e nacionalista opera e constitui significados.

Discorrer sobre essas ordens discursivas nos motiva a pontuar o que entendemos por discurso. Enveredamos nosso olhar segundo a compreensão de estudos da Análise do Discurso brasileira. De acordo com a pesquisadora Maria do Rosário Gregolin, o discurso pode ser concebido como “uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos” (Gregolin, 2007, p. 13). Por conseguinte, a prática discursiva deve ser entendida como materialidade da linguagem e processo histórico, e, para apreender o seu funcionamento “é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória” (Gregolin, 2007, p. 13).

Na constituição das práticas discursivas coloniais e sobre a formação da nação, vários pré-construídos sobre a representação indígena ganham sentidos diversos e vão se disseminando. São representações que vêm de vários “lugares de memória” (Nora, 1993). Sem recorrer a outros lugares de memórias, e concebendo o lugar de escrita/fala deste trabalho – o aparelho ideológico Escola (Althusser, 1985) – apresentamos, contudo, duas práticas discursivas que ideologizam a um índio genérico, exposto desde cedo às crianças, bem como aos adolescentes e jovens: a música e a romântica literatura indigenista, por exemplo.

Certamente que muitas pessoas adultas e vários dos jovens de hoje [ano 2020], ao crescerem, em algum momento ouviram a canção “Brincar de índio”, interpretada por Xuxa Meneghel, no álbum “Xou da Xuxa 3” (1988), principalmente na escola, no dia 19 de abril, ao se “comemorar” o “dia do índio”:

Vamos brincar de índio,
 Mas sem mocinho pra me pegar
 Venha pra minha tribo
 Eu sou o cacique, você é meu par.
 Índio fazer barulho, u-u-u-u-u...
 Índio ter seu orgulho, u-u-u-u-u...
 Vem pintar a pele para a dança começar.
 Pego meu arco e flecha
 Minha canoa e vou pescar,
 Vamos fazer fogueira
 Comer do fruto que a terra dá
 Índio fazer barulho, u-u-u-u-u...
 Índio ter seu orgulho, u-u-u-u-u...
 Índio quer ter apito, mas também sabe gritar!

A canção “Brincar de índio” se inscreve numa rede de memórias que significam a “invenção do índio”. De acordo com estudos realizados pela analista de discurso Ivânia Neves (2009), a invenção do índio implica pelo menos dois sentidos para o uso da palavra “invenção”. Por ora, recorreremos ao primeiro: “Se trata de uma falsificação forjada pelas relações de poder do sistema colonial, que instituiu um índio genérico, antropófago, sem roupa, sem conhecimento e de mentalidade primitiva” (Neves, 2009, p. 28).

Utilizar a música “Brincar de índio” na escola não uma prática dos anos finais da década de 1980, anos 90 ou 2000. Lançada no mesmo ano da atual Constituição Federal de 1988, a conhecida canção de Xuxa é recorrente na escola atual. Ao delinear algumas relações estabelecidas interdiscursivamente com outros dizeres que circulam em outros lugares, em outras posições, assumidas por outros sujeitos, recorreremos à mídia, para pontuar os efeitos de sentidos dos enunciados de “Brincar de índio”. Assim como a escola evoca à canção de Xuxa no “dia do índio”, a mídia recorre aos povos indígenas também. Se diz neutra – mas a linguagem não se constitui em neutralidade alguma:

No dia em que os índios são homenageados no Brasil, é comum que estereótipos e preconceitos sejam reforçados em salas de aula. Crianças são incentivadas a ‘brincar de índio’, com penas e reproduzindo no corpo pinturas tradicionais feitas de tinta guache. Lideranças indígenas do Ceará criticam essa abordagem e esperam que o ensino e a reflexão sobre sua história e cultura não se limitem ao 19 de abril.

Para quem é índio todos os dias, a ‘fantasia de índio’ reflete desrespeito e desinformação. ‘Nossos adornos são sagrados, as pinturas têm significado e o cocar não pode ser usado por qualquer um. Então, para nós, isso é uma ofensa’, resume cacique Cauã Pitaguary, diretor da Escola Indígena Chuí, localizada em Maracanaú.

Benício Pitaguary, articulador do Museu Indígena Pitaguary, explica que a abordagem reforça ‘uma homogeneização dos povos indígenas, que se iniciou na colonização, unindo mais de 300 culturas de etnias diferentes em um único padrão visual’. Ele acredita que isso não estimula as crianças e jovens a buscarem conhecer mais sobre a história e a cultura desses povos.

Além da descaracterização da cultura indígena, o uso de adereços nas escolas também demonstra o desconhecimento da vivência atual dos índios. Marciane Tapeba, vice-coordenadora da Associação de Mulheres Indígenas Tapeba, afirma que ainda se tem uma visão do índio de séculos atrás. ‘As pessoas acham que o índio é aquele que vive só da terra, que não pode usar um celular ou um relógio, que parou no tempo’, diz.

‘Índio não é só quem vive pelado no meio da mata. Em todas as sociedades do mundo, a cultura se transforma, e na indígena isso não é diferente. Ninguém é menos ou mais índio do que o outro porque vive mais isolado, sem contato com o branco. Essa é uma visão equivocada, preconceituosa e discriminatória’, completa Weibe Tapeba, vereador de Caucaia e membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena.

Eles concordam que a abordagem ideal do ensino da cultura indígena nas escolas deveria incluir a voz desses povos. ‘Deveriam nos chamar para

dar palestras ou vir visitar nossas aldeias’, sugere Marciane. Além disso, eles ressaltam que há materiais de qualidade na internet, como documentários e vídeos, alguns feitos pelos próprios índios, que mostram a cultura de algumas etnias através de músicas, danças e rituais religiosos⁹.

A reportagem inicia praticando aquilo a que se propõe a denunciar – entre aspas: “No dia em que ‘os índios’ são homenageados no Brasil, é comum que estereótipos e preconceitos sejam reforçados em salas de aula” [Grifos nossos]. O vocábulo índio é um enunciado genérico, escolhido pelos primeiros navegantes europeus que chegaram ao continente para homogeneizar os povos que viviam nas Américas. Este nome não é simplesmente grotesco engano (uma vez que estamos tão distantes das Índias), mas uma imposição ao longo de mais de 520 anos, que materializa a relação pretensiosa que os estrangeiros colonizadores tiveram com os povos originários. Embora já se saiba que não se tratava de um novo continente, o termo índio nunca foi abandonado, ou seja, é utilizado até hoje para mascarar a diversidade dos povos brasileiros (Neves, 2009).

Na literatura brasileira, é parte do componente curricular do Ensino Médio, o período literário compreendido como Romantismo, no qual se aborda em sala de aula, a fase conhecida como “O romance indianista”, em que autores brasileiros colaboraram com as representações discursivas da construção da nacionalidade brasileira. Conforme o enunciado de um dos livros didáticos utilizados em uma escola pública a qual trabalhamos no município em que executamos o projeto, questão deste artigo:

Gonçalves Dias, em sua poesia indianista, transformou o índio em um participante decisivo do processo de construção da identidade nacional. José de Alencar fez o mesmo em alguns de seus romances, de onde brotam, em meio à natureza exuberante, modelos heroicos de índios dos quais os brasileiros podiam descender com orgulho (Abaurre et al., 2010, p. 120).

No entanto, o livro didático silencia dizeres que certamente haveria de contribuir com o processo de desinformação sobre os povos originários. Enquanto exalta os “serviços prestados” pelos românticos Gonçalves Dias e José de Alencar, há um silenciamento sobre a invenção de indígenas cristãos e bastante idealizados. Enquanto Peri é apresentado como um cavaleiro medieval, “absolutamente vassalo de Ceci, capaz de pegar uma onça com as mãos para agradar à amada”, Iracema, “representa a frágil heroína

⁹ Fonte: 19 de abril: Para lideranças indígenas do Ceará, “vestir de índio” as crianças, com fantasias, cocares de papel e pinturas de tinta guache é uma prática que reproduz estereótipos e preconceitos. Disponível em: <https://bit.ly/3g71698>. Acesso em: 10 dez. 2024.

abandonada, que desejava um modelo de relacionamento monogâmico e cristão com Martín” (Neves, 2009, p. 43).

Simbólico o desfecho da saga de Peri e Iracema. Enquanto “Peri consegue ficar com sua amada, Iracema paga com sua própria vida o preço por ter desejado um homem estrangeiro. De qualquer forma, a trajetória dos dois se organiza a partir de submissão ao português” (Neves, 2009, p. 44).

A prática discursiva romântica, amparada pela lógica eurocêntrica, silencia a expressividade e autenticidade destes povos, construindo, portanto, uma imagem distorcida. Porém, há algumas décadas, em contraposição às práticas dominantes, várias/os indígenas brasileiras/os adotaram estratégias de (re)construção das representações sociais indígenas na contemporaneidade; entre essas estratégias, o uso do discurso literário como instrumento de luta, conscientização (e resignificação da identidade) das mais variadas etnias indígenas contra as insígnias identitárias impostas pelo colonizador.

Daniel Munduruku esclarece que, a partir dos anos 1990, as produções literárias de escritoras/es indígenas começaram a conquistar um lugar mais acentuado no circuito literário do país. Para esse intelectual, atualmente, a intensa produção literária indígena busca se firmar nacionalmente com centenas de títulos, em que, autoras e autores lançam livros regularmente. Centenas de escritoras/es indígenas “anônimas/os” mantêm blog, sites, perfis nas redes sociais. Há entidades indígenas que utilizam a escrita como uma “arma capaz de reverter situações de conflito, denunciar abusos internos e externos, mostrando que a literatura, seja ela entendida como se achar melhor, verdadeiramente, um novo instrumental utilizado pela cultura para atualizar a Memória ancestral” (Munduruku, 2014, p. 181).

A literatura indígena brasileira desenvolvida a partir da década de 1990 é um dos fenômenos político-culturais mais importantes de nossa esfera pública e se insere nessa dinâmica ampla de ativismo, militância e engajamento de minorias historicamente marginalizadas e invisibilizadas de nossa sociedade, que assumem o protagonismo público, político e cultural enquanto núcleo de sua reafirmação como grupo-comunidade e, em consequência, de enfrentamento dessa situação de exclusão e violência vividas e sofridas (Dorrigo et al., 2018, p. 11).

Portanto, no contexto da literatura brasileira contemporânea, a escrita indígena está em constante movimentação. Para tanto, busca superar a fratura colonial e se insere como uma escrita que delinea à sua maneira peculiar quanto à forma de representação da realidade e de sua expressão artística, sem renunciar, contudo, às marcas da ancestralidade e, principalmente, de enunciar as barbáries impostas pela colonização.

Ratificamos, portanto, as posições que a natureza constitutiva da literatura indígena contribui junto às discussões sobre as literaturas impulsionadas no país mediante ao advento da Lei nº 11.645/08 (Brasil, 2008) – que altera a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003). Nesta, são estabelecidas as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

A partir desta inscrição, que tecemos a proposta do projeto que motiva a escrita deste artigo: vozes indígenas femininas, para além dos estereótipos e materialidades de resistência. Desse modo, apresentamos, a literatura em sua gama de formas (prosa, poesia, drama, narrativas orais, biografia, etc.) produzidas por mulheres indígenas, que fazem uso destas formas de saber e poder enquanto instrumento de resistência frente às violentas práticas de silenciamento histórico, político e cultural impostas aos povos indígenas desde a invasão.

3. Praticando a oficina “E quem disse que toda indígena é uma Iracema?”

Conforme já exposto, a oficina “E quem disse que toda indígena é uma Iracema?” constitui-se enquanto desdobramento do “Projeto de Extensão **ALDEIA - Artes e Linguagens: Dialogando com as Epistemologias Indígenas na Amazônia (paraense)**”, executado no ano de 2024 no Instituto Federal do Pará, IFPA/Campus Abaetetuba¹⁰. Para tanto, consideramos o trabalho pedagógico desenvolvido como docentes na área de Linguagens, Artes e História em cursos técnicos profissionalizantes integrados ao ensino médio, bem como atuação na condição de membros do “Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas” (Neabi).

Contando com a colaboração de dois discentes bolsistas (financiados pelo Edital N° 01/2024 –PROEXTENSÃO/IFPA da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX), ao longo de 4 meses realizar um ciclo de formação continuada direcionada a docentes das áreas de Artes, Linguagens e História que atuam na rede pública de Abaetetuba/PA, tendo em vista a

¹⁰ Localizado na região norte do Brasil, Abaetetuba é um município que pertence à mesorregião do nordeste paraense, com a população contabilizada em 141.100 pessoas, segundo dados do último censo do IBGE e, atualmente, estimada em 157.698 pessoas. A distância à capital do Estado, Belém, é de 110 km por via rodoviária. Quanto à presença de um Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no município, a origem é mediante a instalação de uma Unidade de Ensino Descentralizada (UNED), vinculada ao então Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (CEFET/PA) em outubro de 2008. No entanto, no mesmo ano, a partir da criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia por meio da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008), a UNED/Abaetetuba, filiada ao CEFET/PA passou a ser denominada de Instituto Federal do Pará, abreviadamente, IFPA/Campus Abaetetuba.

contribuição à desconstrução de representações estereotipadas e racistas sobre os povos originários na sala de aula.

Na oportunidade, investigamos e analisamos as “redes de memórias que evidenciam as articulações entre práticas discursivas e a produção de identidades” (Gregolin, 2017, p. 13). Em específico, práticas de subjetividades de mulheres indígenas, tomando como referência a desconstrução da representação do sujeito feminino a partir da idealização romântica proposta por José de Alencar na obra “Iracema” (Alencar, 1865/1991).

Com a pretensão de analisar discursivamente os efeitos de sentidos de determinadas representações sobre os povos originários, e disponibilizar materiais para a elaboração de oficinas pedagógicas sobre as mais variadas temáticas indígenas para fins de atendimento tanto à instituição mencionada, quanto à rede pública de ensino da região, coletamos e arquivamos quase uma centena de reportagens em (tele)jornais, revistas, vídeos, músicas, literatura em sua gama de formatos, livros didáticos e paradidáticos, anúncios publicitários, recortes de cenas de telenovelas, fotografias, posts em redes sociais, etc., enfim, materiais *de e sobre* pessoas indígenas.

Com o tempo de duração de 4h, a oficina “E quem disse que toda indígena é uma Iracema?” objetiva propor possibilidades de expressão da voz feminina, a partir da literatura escrita por mulheres; comparar distintas vozes indígenas femininas na literatura brasileira, em oposição à representação da mulher proposta em “Iracema”, de José de Alencar (1865/1991).

Para realização da oficina, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: apresentação da temática, realizada numa perspectiva dialógica; apresentação dos objetivos; breve reflexão sobre as funções da literatura e demais formas de arte enquanto grande esperança contra a barbárie; diálogos sobre os estereótipos acerca da mulher indígena a partir de leitura de alguns trechos da obra “Iracema”, de José de Alencar, por exemplo:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que as asas da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida como a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, de grande nação tabajara. O pé grácio e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. (Alencar, 1991, p.10).

Segundo os estudos de Luzia Santos (2009), mesmo heroicizado romanticamente, com a marca impressa da valentia, o indígena estava sempre sob a mira do olhar determinante do colonizador. Não possuía a validade da natureza pura, pois sua valentia

fora herdada da influência medieval, que o colonizador inseriu no contexto e o escritor tomou para si como baliza. Não foi impresso, no entanto, a figura humanizada, a exemplo das demais com as quais dividiu enredo. Foi, antes de tudo, um emblema, cerzido com as cores locais e que escondia, sob seus pontos em relevo, o constante matiz de nativo selvagem a quem o não índio deveria civilizar, impondo sua cultura (Santos, 2009, p. 21).

A concepção que Alencar tem do processo colonizador impede que os valores atribuídos romanticamente ao nosso índio – o heroísmo, a beleza, a naturalidade - brilhem em si e para si; eles constelam em torno de um ímã, o conquistador, dotado de um poder infuso de atraí-los e incorporá-los. Não sei de outra formação nacional egressa do antigo sistema colonial onde o nativismo tenha perdido (para bem e para mal) tanto da sua identidade e da sua consistência (Bosi, 1992, 181).

Dando seguimento à oficina, a contrapelo da representação da mulher indígena idealizada pelo projeto romântico brasileiro, apresentamos vozes de quatro escritoras indígenas: Graça Graúna, Márcia Kambeba, Lia Minapoty e Eliane Potiguara, a saber:

Imagem 01: Graça Graúna, Márcia Kambeba, Lia Minapoty e Eliane Potiguara.



Fonte: *Blog* de Graça de Graúna, em 20 de set. de 2024.

Graça Graúna é o pseudônimo de Maria das Graças Ferreira. Escritora, crítica literária e professora de Literatura e Direitos Humanos. Indígena potiguara, nasceu em 1948, em São José do Campestre - Rio Grande do Norte. É graduada, mestre e doutora em Letras, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui pós-doutorado em Educação e Direitos Humanos, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Professora adjunta em Literaturas de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira na Universidade de Pernambuco/UPE-Campus Garanhuns, onde coordena o Grupo de Estudos Comparados: Literatura, Memória e Interdisciplinaridade (GRUPEC-UPE).

A produção literária de Graça Graúna é tecida sob poesias, infanto-juvenil, crônicas e ensaios da crítica literária. a) poesias: “Canto mestizo” (1999), “Tessituras da terra” (2001), “Tear da palavra” (2007), “Flor da mata: poesia indígena” (2014); b) infanto-juvenil-juvenil: “Criatura de Ñanderu” (2010); c) crônicas: “Lugar e memória” (2008); d) ensaio: “Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil” (2013).

Já a escritora amazônida Márcia Wayna Kambeba pertence à etnia Omágua/Kambeba. Nasceu numa aldeia ticuna, em Belém do Solimões-AM, onde viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com a família para São Paulo de Olivença. Graduou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas. Fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e identidade da sua etnia. Atualmente, Márcia cursa o Doutorado em Letras na Universidade Federal do Pará (UFPA). Sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade, tal qual o seguinte poema intitulado “Índio eu não sou!”:

Índio eu não sou!
Não me chame de ‘índio’, porque
Esse nome nunca me pertenceu,
Nem como apelido quero levar,
Um erro que Colombo cometeu.

Sou Kambeba, sou Tembé,
Sou kokama, sou Sateré,
Resistindo na raça e na fé.
(Kambeba, 2014, on-line).¹¹

Por um erro de rota, senhor,
Cabral em meu solo desembarcou,
E no desejo de nas Índias chegar,
Com nome de ‘índio’ me apelidou.

Esse nome me traz muita dor,
Nosso canto, uma bala silenciou,
Minha alma inquieta ficou,
Meu grito na mata ecoou.

Chegou tarde, eu já estava aqui,
Caravela aportou bem ali,
Eu vi may-tini subir,
Na minha uka, me escondi.

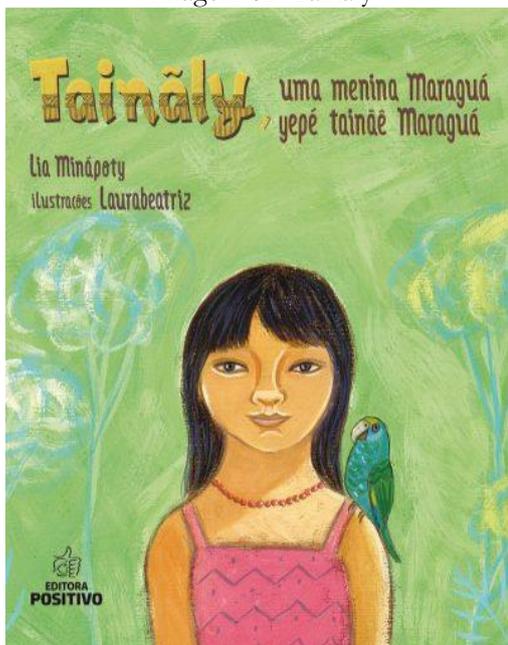
Ouve agora o que tenho a te falar,
Não sou ‘índio’ e venho mostrar,
A palavra certa a pronunciar,
Povo, etnia, é como deves chamar.

‘Índio’, eu não sou!

¹¹ Fonte: Índio eu não sou. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-reflexao/4653545>. Acesso em: 15 set. 2024.

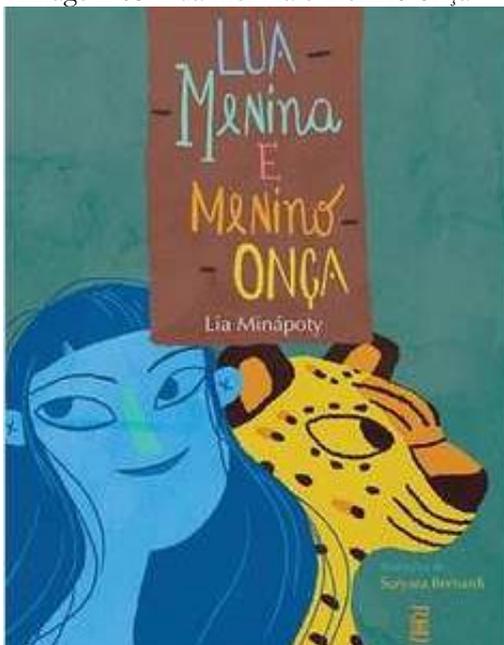
Na literatura infantil temos os trabalhos de Lia Minapoty Aripunãguá, nos quais a escritora de origem Maraguá aborda os modos de vida de sua etnia. Lia é uma das jovens lideranças do seu povo, atua também como artista plástica, especialista em grafismos indígenas além de fazer parte da diretoria da “Associação das Mulheres Indígenas Maraguá” (AMIMA). O protagonismo feminino é enfatizado em suas obras:

Imagem 02: Tainãly



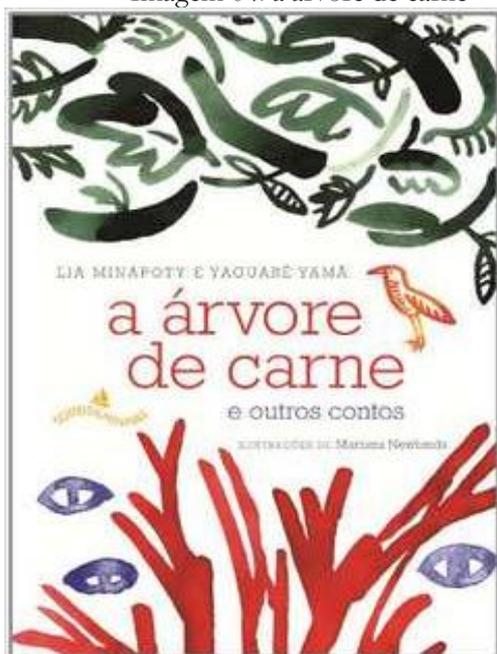
Fonte: Site da Editora Positivo

Imagem 03: Lua menina e menino onça



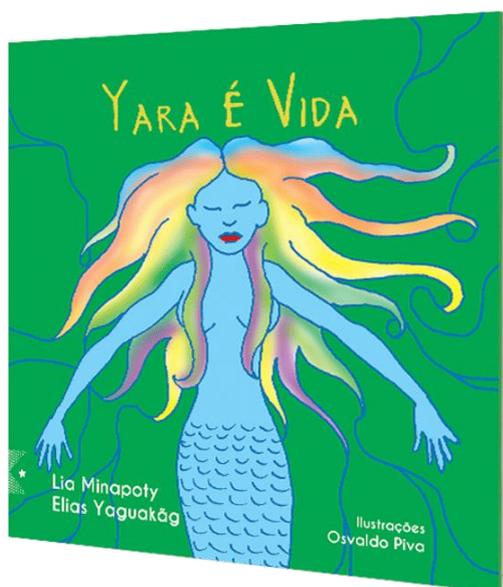
Fonte: amazon.com.br

Imagem 04: a árvore de carne



Fonte: amazon.com.br

Imagem 05: Yara é vida



Fonte: editorakazuanet.com

A quarta escritora indígena apresentada na oficina é a Eliane Potiguara. Ainda que Eliane tenha uma vasta produção literária, mas atingir aos propósitos do projeto, enveredamos pela leitura do livro com mais recorrência de vozes indígenas femininas enquanto resistência contra o discurso colonial: “Metade cara, metade máscara”. A obra descreve a saga de Cunhataí e Juripiranga, casal que é separado no processo de expulsão das terras e por todos os desdobramentos do colonialismo e neocolonialismo. (Potiguara, 2004, p. 23).

A partir deste livro, durante a oficina, (re)conhecemos:

Povos indígenas, povos ressurgidos, emergentes, índios descendentes, índios desaldeados, ‘desplazados’ e migrantes grupais ou migrantes individuais não podem ficar à mercê de análises antropológicas burguesas, insensíveis e intolerantes de governos racistas, preconceituosos e autoritários, seja esse ou aquele. As almas dessas pessoas devem ser respeitadas porque têm a história de seus antepassados, têm a história das mulheres e homens decididos (Potiguara, 2004, p. 92-93).

Salienta Dóris Giacomolli, que a autora não perdeu de vista “o lugar que vem ocupar como defensora da voz indígena, e vem a significar e significar-se, a partir da materialidade linguística utilizada para a produção dos enunciados”, buscando “produzir sentidos sobre direitos de homens e mulheres indígenas no que se refere à racificação, reificação, discriminação, preconceito, terra e território entre outras questões que são constituídas nesses discursos” (Giacomolli, 2019, p. 31).

Após a apresentação das materialidades ao público-alvo, encaminhamos algumas técnicas simples de rimas, motivando às/aos participantes a produzirem seus próprios versos, tendo como foco as distintas vozes femininas indígenas. O público é dividido em grupos, deixando-os à vontade para escolherem a quais personalidades femininas e/ou temáticas indígenas serão representadas através de suas rimas.

É importante o acompanhamento de cada pequeno grupo, com o intuito de orientá-los quanto à elaboração do processo de versificação. O próximo momento, talvez seja o mais prazeroso de se ver: a apresentação das produções das/dos participantes.

Antes do encerramento da atividade, não podemos deixar de realizar a avaliação da oficina, pontuando conjuntamente o que aprendemos e o que ainda podemos aprender nas próximas oficinas, e, principalmente, em nossas práticas discursivas quando significam as pessoas indígenas, sobretudo, as mulheres.

Considerações finais

À guisa de conclusão, destacamos que, todo o percurso trilhado é, por assim dizer, apenas uma parte no todo que formam as lutas dos indígenas na atualidade. A oficina proposta é uma gota d'água neste imenso oceano de combate à visão equivocada e estereotipada sobre os povos indígenas. Portanto, adotamos o entendimento de que o discurso contra-hegemônico deve ser entendido como um instrumento de luta e resistência dos povos indígenas; a favor disso, a escrita literária.

Defendemos, contudo, que os próprios indígenas sejam interlocutores de suas culturas e tradições. Às/aos indígenas, a responsabilidade de levar adiante a herança ancestral: “Quais rasteiras que devemos dar no neocolonizador, no opressor político-cultural para despertarmos a força interior e transformá-la em sabedoria e arma para o crescimento da humanidade e melhor qualidade de vida?” (Potiguara, 2004, p. 81).

A provocação desta escritora indígena é um convite à consciência, no sentido de recuperar a essência de humanidade e afastar os vícios impostos implícita ou subliminarmente pelo colonizador, percebendo nas manifestações culturais, simbólicas, históricas, discursivas indígenas, a fala de autênticos cidadãos brasileiros.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. **Português, contexto, interlocução e sentido**. Vol. 2, São Paulo: Moderna, 2010.

ALENCAR, José de. **Iracema**. [1865]. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AEI). 2. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL, Presidência da República. Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 2003.

BRASIL, Presidência da República. Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 2008.

BRASIL, Presidência da República. Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Lei de Criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 2008.

DORRICO, Julie et al. Considerações iniciais. *In*: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. O discurso de Eliane Potiguara em Metade cara, metade máscara. **Revista Igarapé**, v. 11, n. 2, 2018, p. 31-49.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e mídia: a reprodução das identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígenas e as novas tecnologias da memória. *In*: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (org.). **Ensaio em interculturalidade literatura, cultura e direitos de indígenas em épocas de globalização**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

NEVES, Ivânia dos Santos. **A Invenção do Índio e as Narrativas Oraís Tupi**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008.

NORA, Philippe. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p.7-28, 1993.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Almeida; Marcos Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SULLIVAN, Michael; MASSADAS, Paulo. Brincar de Índio. *In*: MENEGHEL, Xuxa. **Xou da Xuxa 3**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. Faixa 7. CD, LP, K7.

Parte I

***Entre botos:
narrativas da ALDEIA***

O boto encantador

Davi Adam Guimarães da Silva

No rio profundo a nadar,
Surge o boto a encantar,
Com olhos de brilho sereno,
E um mistério sempre ameno.

Nas águas, dança sem fim,
Entre lendas, rio e jardim,
O boto, encantado ser,
Transforma a noite ao amanhecer.

Feito magia em correnteza,
Leva ao coração a leveza,
E entre o rio e a lua cheia,
O boto, em silêncio, passeia.

Lá vem

Alana Marques Corrêa

Lá vem a tarde toda calma
Lá vem as ondas a encantar.
Lá vem seu boto a passear
na beira do mar.

Todo folgado querendo
encantar com seu jeito
de mergulhar.

Lá vem os curiosos querendo
Olhar, na beira do rio o boto
se amostrar.

Ao pôr do Sol ele a de se amostrar
pra encantar menina moça que a de
passear na beira do mar a fim de namorar.

Ao anoitecer vem se chamegar
querendo viver uma noite à beira do mar.

Lá se vai mais uma moça nos seus
encantos se apaixonar, na beira do rio
vivenciar mais uma paixão de se
impressionar, aqueles que dizem não
acreditar nos seus encantos de arrepiar.

Tormenta!

Anderlei Carneiro Vilbena

Da mata vem o sussurro da natureza que clama por proteção.

A resposta vem do rio, a maré é forte e tudo leva, mas ela traz também!

Das águas que banham a floresta surge o guerreiro imponente: metamorfoseia-se, é a
junção dos dois, é o boto.

É astuto e sagaz, é o protetor que habita tanto a terra quanto a água.

A calma se transforma em reboiço e irrompe em voluptuosa fúria.

Aqueles que armaram arapuca são agora as próprias presas de sua maldade.

Silêncio...

Ao longe, o “tiburum” n'água é a confirmação, o boto passou por aqui.

O boto

Anne Caroline Viegas André

Nas águas escuras do rio, onde mistérios se escondem no fundo.
Habita um ser de encanto e desafio, o boto, majestoso e profundo.

O boto nas águas desliza, um ser de lenda e magia, no rio sua dança
improvisa, encantando com sua alegria.

À noite transforma-se em homem, no folclore, seu mistério vive, seduz
com seus charme e renome, nas festas seu rastro vive.

Lendas contam suas façanhas, de homem belo se tornar, nas festas sua
alma é estranha, a moça ele vai cortejar.

Ao amanhecer, seus mistérios se encerram, e volta às águas do rio
profundo, mas sua lenda na terra não erra, é eterno em cada canto, em
cada segundo.

Assim, o boto nos deixa histórias de amor e magia, um ser que a lenda
embeveça, no rio sua eterna poesia.

Boto camarada

Antonilda da Silva Santos

Tão elegante e de boa aparência;
O boto camarada desliza nas águas tranquilas da Amazônia,
Encantando com sua presença singular.
Chega de mansinho, envolto em uma aura de mistério,
Surges na forma humana e seduz jovens mulheres;

Mas o que não sabem é que tens um caráter diferente;
És um ser que transforma de forma potente;
E estás em diferentes formas na região Amazônica;
Pois estás presente nas experiências de diversos povos com seus sonhos;
Se desdobrando em narrativas regionais;

Pois foste ligado a uma dimensão violenta do colonialismo;
A qual se atualiza na vida social amazônica;
E há tempo és visto pelo seu aspecto maléfico e perigoso;
Mas és um personagem cuidadoso e carinhoso.

No encanto das águas, o boto é que nada

Benedito Maciel e Maciel

Nas águas do rio, um mistério a brilhar,
O boto bonito, a nadar e encantar.
Na ponta da canoa, o boto bonito ecoa
Surge o boto encantado, protetor do sagrado,
Lenda amazônica, de beleza sem igual.

Nas margens dos rios vastos, onde a floresta é mãe,
O boto dança e protege, o que a natureza contém.
Encantado personagem, que a todos vem guiar,
Protetor das águas puras, e dos segredos do mar.

Com olhos de lua cheia, e pele de prata a brilhar,
Navega entre os sonhos, das aldeias a encantar.
Seu canto é melodia, que embala a noite serena,
Histórias de ancestrais, em cada nota pequena.

Mas o boto é mais que um mito a contar,
É símbolo da Amazônia, que devemos preservar.
Suas águas são vida, seu lar é sagrado,
Proteger a floresta é nosso dever honrado.

Que o personagem encantado, inspire respeito e cuidado,
Para que o boto e a Amazônia sejam sempre lembrados.
Em cada rio, em cada canto, a natureza a celebrar,
O boto bonito, sempre a nos encantar.

Seu Botinho

Brenda Miranda Portugal

As margens do rio Maiauatá;
Um moço estava em sua canoa;
Com uma malhadeira a pescar;
O sol forte sobre sua cabeça.

Horas se passou, a malhadeira avisou;
Um peso grande e seu moço puxou; muito peixe na rede, fartura chegou,
Puxa, puxa e já se pode ver o tamanho;
De cor marrom, em sua pele o sol brilhou.

Um filhote de boto preso na rede;
Já dentro da canoa, seu Botinho debatia;
Solta-lo era impossível pois seu moço não o conseguia;
A força da água aumentava, muita maresia.

Um grande cardume se aproximou;
A família do Botinho chegou;
Seu moço de desesperou que pra beira puxou;
Com calma e cuidado da rede o soltou.

Livre, seu Botinho sai nadando;
De longe sua família está esperando;
O encontro acontece e os botos se alegram;
Com grandes saltos desaparecem no horizonte.

Uma amizade mística

Cláudio José Dias

O Sol já começava a se pôr atrás das casas históricas da cidade de Abaetetuba quando Darueira saiu do seu local de trabalho. O dia havia sido longo e exaustivo com muito trabalho para fazer, mas finalmente conseguira terminar seu expediente e estava ansioso para ir embora.

Enquanto caminhava pelas ruas movimentadas da cidade portuária, Darueira notou uma movimentação incomum próxima ao rio Parnaíba. Curioso, ele se aproximou e viu um grupo de pessoas aglomeradas, parecendo admirar algo na água. Ao se aproximar delas, Darueira finalmente avistou o que atraía tanta atenção: um grande boto cinza nadava tranquilamente pelo rio.

O animal parecia calmo e despreocupado, deslizando suavemente pela superfície da água. Darueira ficou fascinado, pois apesar de morar naquela cidade toda sua vida, nunca havia visto um boto tão de perto. Aquela espécie exótica e enigmática despertava sua curiosidade.

Nos dias seguintes, Darueira fez questão de visitar o rio sempre que possível, na esperança de reencontrar o boto. E para sua surpresa, o animal reaparecia regularmente, como se também estivesse o procurando. Aos poucos, Darueira começou a se afeiçoar àquela criatura e a observá-la com mais atenção.

Notou que o boto parecia evitar as áreas mais movimentadas do rio, preferindo nadar pelas enseadas mais calmas e protegidas. Também percebeu que havia algo diferente nele, uma admirável inteligência e até mesmo uma certa curiosidade em relação aos humanos.

Certa vez, quando Darueira se aproximou da margem, o boto chegou perto dele e o encarou por alguns instantes, como se quisesse estabelecer algum tipo de conexão. Aquele olhar profundo e penetrante tocou fundo em Darueira, que desde então se sentiu ainda mais ligado àquele ser enigmático.

Um dia, ao chegar no rio, Darueira encontrou uma multidão de pessoas na margem, algumas com expressão de tristeza no rosto. Ao se aproximar, ele avistou o boto, imóvel e ferido na água. Alguém havia machucado ele, provavelmente confundindo-o com algum alvo.

Darueira sentiu um aperto no peito ao ver aquela cena. Aquele boto, que se tornara quase um amigo para ele, estava sofrendo. Sem pensar duas vezes, ele entrou na água e

nadou até ele, tentando ajudá-lo o máximo que podia, levando-o para um centro de reabilitação animal Ekobé.

Finalmente, após semanas de cuidados intensivos, o boto estava pronto para ser solto novamente. No dia em que foi liberado, Darueira acompanhou o momento emocionante, observando o animal deslizar suavemente pela água e desaparecer no horizonte. Ele sabia que, de alguma forma, aquele encontro havia mudado sua vida para sempre. Daquele dia em diante, Darueira se tornou um defensor e guardião apaixonado da preservação dos botos e de todo o ecossistema aquático da região.

Vocabulário:

Darueira: *Guardião (Tupi-guarani)*;

Ekobé: *Vida (Tupi antigo)*;

Parnaíba: *Rio de águas barrentas (Tupi-guarani)*.

Os botos

Cleison Correa Gonçalves

Eles são mamíferos e brincalhões
Que se acham até espertalhões
Se transformam em garotos
Sim! Estou falando é dos botos.

Eles emitem sons para reconhecer
Que de longe já dá pra perceber
O QI é de milhão
Inteligência tem de montão.

Seus olhos são pequenos
Mas possuem boa visão
Podem até afundar canoas
Só que jamais fazem mal às pessoas.

Manter o equilíbrio do ecossistema
O boto cumpre uma função essencial
Por isso é grande a sua importância cultural.

Por que o boto?¹²

Douglas César Pinheiro Santos

A mãe da vovó sempre relatava para minha mamãe que quando minha vó estava grávida da minha mãe, meu avô saía para festas no interior, na comunidade do rio Campopema, às margens do rio Tocantins.

Em épocas de águas grandes, eles (meu bisavô, avô e os tios) saíam a canoa para as festas da comunidade e ao deixar minha vó e bisavó sozinhas em uma casa de madeira com as tábuas completamente soltas por baixo, onde a água passava por baixo da casa.

Ocorre que o boto aparecia por baixo da casa e começava a bater por baixo até suspender a tábua que se soltava. Porém, minha avó e bisavó viram o boto e ficaram paralisadas. Elas se depararam com dois botos dentro da casa; um por baixo d'água e outro por dentro da casa, andando feito um homem.

Na redondeza da casa, um barulho. Era a chegada dos homens da casa. O boto de dentro da casa quando se deparou com o barulho do meu bisavô e avô, chegando das festas da comunidade correram para a ponte, e assim o boto ouviu o barulho de remo e conversas deles.

Uma ponte ligava ao rio. O boto, ao se deparar que o meu avô chegando, correu até à ponte e se jogou na água para não ser capturado.

Quando meu avô chega na casa, encontra a vovó e minha bisavó tremendo. Assustadas, relatavam o que estava acontecendo lá. Sendo assim, por um bom tempo, o meu avô e bisavô evitavam de sair à noite para festas. Elas relatavam a eles que os botos sempre iam lá quando estavam sozinhas.

¹² Costumeiramente, o boto é relatado nas histórias orais como um ser intermensional, que chega a causar medos só por ser visto; deixando as mulheres apavoradas por culpa das atrocidades, abusos e estupros feitos por próprios homens – sendo esse, às vezes, até conhecidos mesmo, que se valem desse ser-encantando para encobrimento de crimes sexuais e incestos. Ao longo das trocas no Projeto ALDEIA, compreendemos que não é o boto quem faz isso; não é o boto o culpado por tais atos. Que nos sirva de alerta o quanto precisamos aprender com a Mãe Terra.

Maya

Elivan Cardoso Quaresma

Em uma comunidade ribeirinha isolada, cercada por densa vegetação Amazônica, vivia uma jovem chamada Maya. Ela era conhecida por sua conexão com os seres da natureza e seu carinho pelas águas que banhava sua comunidade.

Certo dia, durante a lua cheia, Maya decidiu se aventurar sozinha pelas margens do rio em busca de respostas para suas inquietudes. Enquanto caminhava ouviu um canto suave e melancólico ecoando pela floresta. Intrigada, a jovem seguiu a melodia até chegar à beira do rio.

Foi então que avistou um boto- cor-de-rosa emergindo das águas escuras, com seus olhos brilhantes refletindo a luz prateada da lua. O boto parecia envolvido em mistério e tristeza, como se carregasse segredos ancestrais em seu coração aquático.

Sem medo, Maya se aproximou do boto e viu que ele emitia um brilho suave e reconfortante. Em um gesto de confiança, o boto permitiu que Maya tocasse sua pele macia e fria, transmitindo-lhe visões e sensações profundas em sua alma.

A partir daquele encontro mágico, Maya passou a receber mensagens do boto em seus sonhos, orientando-a sobre o destino das águas e os desafios que a comunidade enfrentaria. Com coragem e sabedoria, a jovem se tornou uma guardiã dos rios e dos seres místicos que os habitavam.

O boto cor-de-rosa tornou-se um símbolo de proteção e sabedoria para Maya e sua comunidade, lembrando a todos da importância de honrar e preservar a harmonia entre os seres humanos e a natureza que os cerca.

O boto cor-de-rosa

Erik da Silva Rodrigues

Nas profundezas do rio,
repletas histórias de um boto encantador nas sombras,
apenas para esconder o invasor na escuridão.

Dizem que dança nas águas tranquilas
com um sorriso encantador,
mas é a reverberação das almas que mudam dos indivíduos.

Sua imagem,
tão distorcida,
foi vendida como mito para mascarar a dor,
enquanto a amazona,
ferida, chorava de dor e terror.

O boto,
espírito do rio,
não é o vilão que queriam retratar,
mas um guardião da memória que querem apagar.

A mata, a desconstrução do mito,
fábula amarga que usavam para ocultação,
intensifica sua voz,
narrando seus motivos para permanecerem em silêncio.

O boto cor-de-rosa reaparece na história,
não como um conto de romance e sedução,
mas como um símbolo de encantamento e de
busca pela verdade e proteção.

Família de botos

Giovana Lobato Baia

Em um certo dia, estávamos passeando sobre os rios do município de Igarapé-Miri na localidade dos rios Anapu e Pindobal, no intuito de assistir a tão almejada abertura da pesca para os moradores ribeirinhos da região.

No meio do caminho, no trajeto percorrido havia muitas pessoas sobre a passagem, então fomos ver o que ali estava acontecendo, e nos deparamos que sobre uma rede de pesca havia um boto cor de rosa, por ser tão grande e pelo tamanho acreditamos que podia ser macho.

Com a passagem impedida aos demais, pela curiosidade das pessoas ao redor daquele ser, se tornou impossível dar continuidade na pescaria, pois a quantidade de pessoas só ia aumentando. Depois de algum tempo após o ocorrido, iam se formando sobre ao redor das embarcações grandes remanso e redemoinhos, e daí alguns pescadores com medo do que estava acontecendo resolveram recuar, e alguns permaneceram por dizer que eram sábios demais na área, pelo histórico de pescador e assim iam se passando os minutos, horas e aqueles movimentos sobre as águas só iriam se alastrando cada vez mais sobre a redondeza ali presente. E durante todas essas movimentações nas águas, o mamífero capturado ficava inquieto, como se algo estivesse incomodando, além das pessoas que lhes pescaram é claro.

Enfim, depois de muitos alertas, sinais, acarretou o desprendimento da rede, levando a liberdade do boto. O remanso, os redemoinhos sobre as águas nada mais, nada menos era sua família de botos que estavam apreensivos com a prisão do membro da família, e usaram suas armas a seus favores para soltarem um dos componentes familiar, e assim seguiram todos em direção aos seus habitats naturais, em um final feliz para os golfinhos.

Boto amigo

Ilsanete Maria Macêdo Simões

Homem de boa estatura, charmoso e conquistador ou aquático protetor das águas amazônicas? Lendas são contadas pelos que já te viram todo de branco, cortejando as moças e depois desaparece sem falar tchau.

As verdades que temos registradas do cuidado e amor pela natureza não anula os contos que ouvi de minha mãe, ela relatou que estava grávida e acabou dando à luz nas ilhas de Limoeiro do Ajuru quando foi passar férias com seus pais que lá residiam. De parto diz ter ouvido assobio e quando olha pela porta entre aberta vê um homem todo vestido de branco em cima da ponte e fechou a porta imediatamente.

Portanto, boto amigo dentre verdade ou lenda, seguimos acreditando que és conquistador e protetor da nossa Amazônia. Tua história faz parte da cultura paraense e a tua identidade é revelada nas águas amazônicas.

D'outro lado da janela

Jaime Barradas da Silva

Em bailo entre rios, te vi
D'outro lado da janela, boto vi
de Muaná à Mocajuba
enfeitiça como tuba

em teus olhos mergulhei
pelos teus risos me afundei
entre rios, em bailo, boto solto
fiska o grito de amor de um jovem louco
que revolto tenta um bicho solto
louco pesca o boto

envolto em sonhos loucos tenta
um boto solto em malhas tramas afetar
ora louco, como pode a um bicho solto,
d'outro lado janela embebedar-se e bailar

Boto e louco não dão certo
Não dão certo, boto e louco
e agora segue certo entre rios de desafetos
ou no afeto em tempo incerto

Agonia, aprisionar um bicho solto
Que me envolve em bailos certos e incertos afetos
Amanhece vendo o rio na memória dos afetos
Não se turva, não se curva
Movimente-se, jovem louco
Não se afunde com o boto

Mano boto

Jairo da Silva e Silva

Aprecie, meu leitor,
O que verseja esse caboco,
A presença de um encantado,
No Maratauíra, reina o boto,
Eu canto Sapucajuba,
Nas águas de Abaetetuba
Encantados de dá gosto.

Aprecie, minha gente
Rosa, branco, preto, malhado
Nosso boto é parente,
Vermelho, cinza e encarnado
Há também o tucuxí
Das águas do Marajó,
Às águas de Igarapé-Miri
O parente mano boto
Sempre esteve aqui.

Se me deparo com mano boto,
Vou seguindo em minha rabeta,
Não é peixe, nem peixoto
É parente com certeza
Tem família, moradia e vida própria na natureza,
Vida longa ao mano boto, reinando nas profundezas.

No Rio Maratauíra

Jociel Ferreira

No Rio Maratauíra, onde as águas se encontram,
O boto dança gracioso, amigo dos corações,
Entre os seres humanos, tece laços profundos,
Uma amizade antiga que transcende o mundo.

Nas noites serenas sob o manto estrelado,
O boto brilha nas águas, ser encantado,
Guardião das histórias, espírito da paz,
Com os humanos, uma ligação eficaz.

Em Abaetetuba, essa amizade floresce,
Em lendas contadas e músicas que aquecem,
O boto, símbolo de beleza e proteção,
Na vida do povo, eterna inspiração.

Coisa de boto

José Lucas Ferreira Quaresma

Nas águas escuras do Rio Paramajó a brilhar,
Um ser encantado sob a lua a nadar.
Boto cor-de-rosa, mistério a bailar,
Entre lendas e amores, a se revelar.

Seu canto suave ecoa na noite
Transforma-se em homem, sorriso a reluzir,
Em busca de amores, a seduzir.

Billie, pescadora de olhar tão sereno,
Encontra no boto um amor Eterno.
Mas a lenda prevê um destino incerto,
Entre a paixão e o mistério aberto.

Na margem do rio, declarações de amor são feitas,
Enquanto o sol desponta e a aurora se deleita.
O boto retorna às águas, em forma de encanto,
Deixando saudade e amor em pranto.

Assim segue a lenda do boto,
Entre mitos e suspiros a ecoar.
No coração da Amazônia a pulsar,
Onde o amor e o mistério se encontram a bailar.

A bota

Jubila Dias Santos

Minha vó sempre contava uma história que aconteceu com uma família conhecida no Rio Paramajó, o lugar que aconteceu fica em um igarapé chamado Japurá. Nessa família aconteceu um fato que traz a bota como personagem principal.

A história começa assim: Essa família mora dentro de igarapé e na frente de sua casa havia um furo chamado Braço grande. Lá, minha vó contava que tinha uma bota encantada, que num dia muitos garotos estavam tomando banho no Rio e começou a boiar a bota no Rio e os meninos começaram a fazer brincadeiras com a bota.

Essa bota se envesou com um menino que sua família morava em frente a esse Furo. Quando chegava à noite, a bota vinha dormir com o rapaz e quando amanhecia o dia ele estava todo melado com gosma. Ele ficou assombrado pela bota e ficou muito doente, e como sua família era evangélica e não acreditava nessas coisas, ele foi para o hospital e ficou internado e a bota ia visita-lo por lá.

Quando a família acreditou nisso, era muito tarde e o rapaz acabou falecendo. Essa história ficou conhecida por muitos da comunidade e até hoje ainda é contada.

Boto do Rio Bacuri*Larissa dos Santos Brabo*

Nas águas do Rio Bacuri,
Barrentas e ligeiras a correr,
Brinca o boto, alegre e bem gentil
Com vontade e com prazer.

O boto, pobre coitado,
Leva a fama
E não fez nada
Pudera ela aproveitar, sem sua alma dilacerar.

Sem bússola para o guiar
Seu destino é incerto
Deixando a água o levar
Para um lugar calmo e deserto.

Não foi o boto

Maria Benedita dos Santos Ferreira

Ah se o boto que canta e encanta
as mulheres fosse verdade
seria tão grande a vontade de viver um romance
assim, encantada e levada para o fundo do
mar por um amor sem fim

porém que boto desejaria ser um homem?
com tamanha maldade, que invade a inocência
de sua própria descendência.
Que negligencia a verdade da sociedade marcada por sua crueldade,
em tempos que calar é mentir, era a realidade.
Hoje tem que admitir que o boto era inocente sim.

O boto

Maria Helena dos Santos Pimentel

Em um rio não muito
distante daqui existe um boto,
o que encanta as moças?

Não! Esse não existe!

O boto amigo do pescador,
que ajuda a pegar os
cardumes de peixes, mas
também fura a rede
quando vê que o
pescador que se
aproveitar da ajuda e quer
levar os filhotinhos de
peixe também.

O boto também é protetor
dos peixes ! dos rios e de
todos aqueles que vivem
nessa sociedade
embaixo d'água.

Boto Tucuxi

Maria Leonice Belo Araújo

Alguns dizem que eu sou gente

Que eu sou o homem de branco, que encanto e desencanto as mulheres com minha beleza
Ouço dizer que as mulheres quando estão menstruadas não podem se banhar no rio,
porque serão assombradas por mim, tudo isso não passa de história de pescador

Pescadores contam muitas histórias sobre mim, mais afinal quem eu sou?
Não sou uma lenda e nem um conto, eu sou o boto

Protetor das águas e do mar
Amigo dos peixes e do pescador

Na preamar indico aos pescadores onde estão os cardumes dos peixes
com meus saltos sobre as águas

Eu sou o boto tucuxi posso ser rosa ou qualquer outra cor
Meu lugar é nas águas e não nas casas.

Viva o boto tucuxi.

Às margens do Rio Cataiandeuá

Mateus Monteiro de Sousa

Às margens do rio Cataiandeuá, residia um boto
O peixe mamífero comia outros peixes
Mas ele comia só a parte da calda deixando o resto do corpo
Às vezes, os moradores encontravam os restos dos peixes

Certo dia, foi colocado uma linha para pegar um peixe
Mas o dono esqueceu dela e não voltou para buscar
Outro pescador viu o peixe grande boiado e levou para casa muito feliz
Chegando lá, o peixe não prestava mais, então não adiantava preparar

Ele saiu para pescar de novo
Pois tinha que ir atrás de comida para almoçar
E ao descer a ponte de sua casa, se deparou com o boto
O boto tinha ido atrás do peixe que ele queria almoçar

Então ele fez barulho e o boto foi embora
Ele ainda foi visto outras vezes no rio pelos populares
Depois de um tempo se mudou, foi morar em outro rio
Pois tinha poucos peixes no rio Cataiandeuá e não lhe interessava ali ficar.

Às margens do Rio Maratauíra

Myllena dos Santos Monteiro

Às margens do Rio Maratauíra
Contemplamos a natureza e suas crias
E nas noites de lua cheia
Os botos se transformam, e as ribeirinhas hipnotizam

É jovem e bonito, que do rio saiu
E com sua transformação, um gesto gentil
Nos seus olhos uma sedução apaixonante
Que deixa a todos cativante

Com um olhar contagiante e o sorriso exuberante
Encanta as moças com seu canto fascinante
Que se torna um amor puro e hipnotizante
Atrai os corações e deixa uma marca penetrante

Marca para toda vida
Com sua transformação tão repentina
Que traz tristeza e alegria
Após a sua partida.

Tem boto no meu quilombo

Raquel Rodrigues Pinheiro da Luz

Tem boto aqui no meu quilombo,
onde muitos têm medo de ver,
boto aparece quando água é cheia,
ele parece no rio das pedras pretas,
no quilombo do Itacuruçá,
onde passa barco e
canao no meu lugar.

Minha vó diz:

- Que as mulheres solteiras contam que ele existe, sai em noite de Lua cheia.
E moça nenhuma resiste.

Fala de um boto que se transforma em um homem belo e sedutor,
sendo muito influente no meu interior.

Os botos do meu Pará

Tatiara Ferranti Nery

Na cultura popular
 O boto é uma figura espetacular
 Mulher menstruada jamais pode
 Na ponte ficar
 "- Chama boto, piqueno!"
 Nas redondezas das águas a passear.

Aprendemos também
 Com o conhecimento ancestral
 Que boto aparece
 Para indicar a fartura de peixe
 Nas ondas do rio a decorar.

Me lembrei agora
 Que ainda existe o "Perfume da Bota"
 Muito usado por várias pessoas
 Para atrair parceiro amoroso
 Mas a prática cultural
 É muito criticada pelos ambientalistas
 Que alegam resultar
 Na extinção da espécie na Amazônia.
 Só digo uma coisa a quem perguntar
 Os povos originários sabem
 Muito bem
 A biodiversidade preservar.

Seja lá o que for
 Eu só consigo recordar agora
 Dos botinhos de Mocajuba
 Que decoram a vista
 Do turista a chegar
 Que se encantam com o Peixinho que vão dá

Na boca dos botos espertos
a beira mar.

Enfim, eu só queria registrar

Que boto faz parte
da nossa história e identidade
Que muito tem a nos revelar.

O boto da fartura

Zenildo dos Santos Quaresma

O mês de maio chegou
Todos cantam com louvor
É tempo de fartura
A fome cessa com ternura

“Filho de peixe, peixinho é
Cadê o boto
Para ver onde é?”

“É alí, sinhá, é alí, sinhô
Onde encontra-se o cardume
Pois o boto avisou
E a alegria consome

O taleiro olhou e confirmou
Todos se alegraram
O povo feliz cantou
A fartura celebraram

O boto trouxe alegria
Para o povo da vila
Na noite e no dia
A fartura cintila.

Parte II

Entre kurupyras: *narrativas da ALDEIA*

Guardião da Floresta

Davi Adam Guimarães da Silva

Nos confins da mata verdejante,
Corre o Curupira, sempre vigilante.
Com pés virados, de andar ao contrário,
Protege os segredos do reino lendário.

Seu riso ecoa, leve, a brincar,
Enganando quem tenta o chão desbravar.
Defensor das árvores, dos rios e animais,
Contra os que destroem, ele não tem paz.

Nos mistérios da selva, ele reina sozinho,
Espanta os maus, guia o bom caminho.
Curupira é força, é lenda a nos lembrar:
Respeite a floresta, se nela quiser andar!!

Curupira

Alana Marques Corrêa

Vive no fundo das matas,
Rápido, esperto e conhecido
Como o menino de cabelos vermelhos.
É amigo das aves e dos bichos.
É o protetor da floresta, ele vigia com
Os olhos de fogo a floresta daquele que
a querem destruir.

Tem os cabelos da cor do fogo e
Seus pés virados pra trás,
Dizem que usa seus pés para enganar
Os caçadores; é um habitante da mata
e se dedica a proteger a vida que existe lá.

É assim o nosso folclore, resplandece sabedoria,
o curupira é o protetor das nossas matas com cultura e alegria.

Curupira, o guardião da floresta

Anne Caroline Viegas André

Nas matas densas, de verde e vida,
Corre ligeiro, quem logo se avista,
Curupira, guardião destemido,
Com pés virados, segue seu caminho

Se o homem invade, destrói sem razão,
Curupira surge, com fúria e paixão.
Entre os troncos e sombras, ele se esconde,
E em cada lenda, seu poder responde.

Protege a fauna, protege o chão,
Quem desrespeita, recebe lição.
Caçador que ousa quebrar a paz,
Nos seus passos, nunca volta atrás.

O vento sopra o seu assobio,
Ecoa longe, um canto bravio.
Curupira, espírito antigo,
Que guarda a mata, seu grande abrigo.

Na sombra das árvores, ele ri e dança,
De quem desvia a rota com esperança,
De que a floresta, em sua imensidão,
Se mantenha viva, em eterna canção.

O Kurupira que me encanta

Antonilda da Silva Santos

Onde te escondes, kurupira?
Apareça para desvelar essa mentira;
Criada ao longo de muito tempo;
Sem mostrar seus verdadeiros elementos;

A educação precisa de você;
Para que sua verdadeira história não fique à mercê;
Temos que contá-la nas suas mais variadas dimensões;
E assim teremos sobre você, kurupira;
Uma maior compreensão.

Vamos tirá-lo desse contexto que te oprime
Durante tanto tempo
Para que assim mostremos seu papel sublime
E seus verdadeiros sentimentos.

A floresta, Kurupira, que te faz morada;
Também te obriga a dar estacadas;
O que faz com que te compreenda de forma errada;
Mas tens uma missão delicada;

Lutar, lutar e lutar
É um objetivo salutar;
Para proteger a floresta;
O que se torna uma festa.

Por isso nos encanta;
Pois derruba os mais violentos, não sendo isento;
Da sua tarefa de guardião da floresta;
Sendo sempre marrento.

Guardião da floresta, o curupira

Benedito Maciel e Maciel

No coração da Amazônia, onde o verde é imortal,
Vive o Curupira, guardião ancestral.
Figura lendária, confunde o invasor,
Protetor das matas, defensor do amor.

Memórias antigas, histórias a contar,
Dos povos indígenas, que aqui vêm morar.
Sabedoria cosmológica, passada de geração,
Respeito à natureza, nossa maior lição.

Nas sombras das árvores, um sussurro a ecoar,
É o Curupira, que nos vem alertar.
“Protejam as matas, dá um forte assobio,
Respeitem os rios, o solo fecundo.”

Território sagrado, lar dos ancestrais,
Onde a vida pulsa, em ritmos naturais.
Os povos da floresta, com coragem e fé,
Defendem seu lar, no balanço do maracá.

Que a memória viva, nunca se apague,
Que a luta continue, que a justiça não falhe.
Curupira, guia-nos com tua sabedoria,
Para que a Amazônia floresça, em eterna harmonia.

Curupira, o espírito da mata

Brenda Miranda Portugal

Na floresta encantada, onde a vida é vibrar,
Surge o Curupira, pronto para zelar.
Cabelos de fogo, olhar que reluz,
Com passos invertidos, ele é astuto como a luz.

Entre sombras e mistérios, ele dança a cantar,
Protegendo os animais, fazendo o bem prosperar.
Se alguém se atreve a ferir a terra sagrada,
O Curupira aparece, sua fúria é respeitada.

Com risadas travessas e um toque de magia,
Ele confunde os caçadores com sua sabedoria.
Desvia os caminhos, faz o intruso errar,
Na trilha do Curupira, é preciso amar.

Ele é o guardião do verde, do céu e do chão,
Um símbolo de força e de preservação.
Que possamos aprender com seu legado tão belo:
Cuidar da floresta e viver em paralelo.

Assim vive o Curupira, eterno em sua missão,
Um espírito valente que defende a criação.
Nas folhas que dançam e no canto do ar,
Ele nos ensina: é preciso respeitar!

Kurupira, o Menino Protetor

Cláudio José Dias

Nas profundezas da mata, onde o sol ilumina o chão,
vive o Kurupira, com seu coração em missão.
De cabelos rubros e pés ao contrário ou não.
Ele é o vigilante da floresta, um ser lendário,
com olhos atentos, observa a criação.

Protege cada árvore, cada rio, cada ninho,
cada um que necessita de proteção.
Os caçadores temem seu assobio agudo,
Pois sabem que enfrentar o Kurupira é um perigo mudo,
E insistir exige muita falta de noção.

Ele corre entre as árvores, rápido e silencioso como o vento,
Confunde os invasores, sem parar um só momento.
Seu rastro é um enigma, um caminho invertido,
Para que os malfeitores fiquem sempre perdidos.

Com força e esperteza, defende a natureza,
É o Darueira das matas, símbolo de pureza.
Sua história é antiga, sua missão é clara,
Proteger a vida selvagem, de forma muito rara.

Combatente da floresta viva e amada, Kurupira
Que sua lenda perdure, e sempre seja respeitada.
Para que a humanidade aprenda, com essa sabedoria,
A amar e preservar, a natureza e a vida.

Vocabulário:

Darueira: *Guardião (Tupí-Guaraní)*

Kurupira: *Corpo de Menino (Tupí-Guaraní)*

Curupira, o protetor

Cleison Correa Gonçalves

No coração da floresta densa,
Habita o Curupira, guardião astuto,
Com cabelos flamejantes, dança e pensa,
Protege a natureza em seu manto absoluto.

Seus pés virados, enganos ao andar,
Desorienta caçadores sem compaixão,
Canta para as árvores, faz o vento soar,
Um eco de vida, uma forte canção.

Nas noites enluaradas, ele aparece,
Brincando com sombras e mistérios mil,
É amigo dos animais, nunca se esquece,
De manter a harmonia no seu mundo sutil.

Cuidado com a ira do ser encantado,
Que defende a floresta com fervor e paixão,
Respeite suas trilhas, não seja apressado,
Pois o Curupira é um sábio protetor da criação.

O guardião da floresta

Douglas César Pinheiro Santos

Um guardião da floresta
Com pés virados para trás,
Olhos de fogo, cabelos de jaspe,
O Curupira, protetor das matas,
Nos encanta com seu misticismo.

Nas profundezas da selva,
Ele ronda, vigilante e astuto,
Guardião dos rios, dos animais,
E de toda a natureza exuberante.

Com sua flauta mágica,
Convoca os espíritos da floresta,
Protegendo-a de qualquer ameaça,
Com sua força ancestral.

Com sua flauta mágica,
Convoca os espíritos da floresta,
Protegendo-a de qualquer ameaça,
Com sua força ancestral.

Se te perderes na mata,
Não temas, pois ele te guiará,
Com sua sabedoria ancestral,
O caminho de volta encontrará.

Curupira: guardião da floresta*Elivan Cardoso Quaresma*

Em meio à mata verdejante,
Onde o sol dança entre as folhas,
Habita o Curupira, intrigante,
Com seus pés virados, ele acolhe.

Cabelos de fogo, olhar fulgurante,
Protetor da fauna e da flora,
Com risos brincalhões e um jeito amante,
Ele escuta a floresta que implora.

Nos sussurros do vento, ele se esconde,
Entre sombras e mistérios a vagar,
Defende os animais que o mundo responde,
E em sua magia faz tudo brilhar.

Se alguém se atreve a desmatar,
Ou fazer mal à natureza ao redor,
Curupira aparece para alertar,
Com seu canto e sua força de amor.

Oh, Curupira!
Espírito travesso,
Teu legado é um sonho profundo,
Na dança das árvores, teu acesso,
Nos ensina a cuidar desse mundo.

Curupyra: guardião da floresta

Erik da Silva Rodrigues

Curupyra, espírito selvagem,
guardião das folhas, do silêncio e do ar,
Vire os pés e vire o seu caminho,
Na floresta densa, seu reino solitário.

Kurâ'ypã, ardente e feroz,
Aqueça o mundo e grite sua voz,
Comande o vento e sobre o destino,
Eles protegem a vegetação dos seres divinos.

Iby, mãe de todos os crescimentos,
Na mão do Curupyra as voltas são infinitas,
Ele olhou para o que estava crescendo nas sombras.
Seu espírito brilha na árvore.
Ele olhou para o que estava crescendo nas sombras.
Seu espírito brilha na árvore.

Ka'a, grosso, profundo, sagrado,
O esconderijo do Curupyra e seu espírito maravilhoso,
Quem se atreve a entrar rudemente?
Ele estava perdido na névoa e sua voz não era mais ouvida.

Yvoty, leve como um sussurro no céu,
Curupyra a protege e protege sua beleza,

Que todas as cores, gostos e necessidades,
Salve este homem e sua presença.

Curupyra, o caminho da vida e da morte,
Desafie quem acredita na sua sorte;
Mas para quem respeita a floresta e o seu espírito.

Ela se manifesta em luz, bondade e infinito.

Vocabulário

Kurâ'ypã: fogo das matas

Iby: terra

Ka'a: mata

Yvoty: flor.

Curupira, um ser ativo

Giovana Lobato Baia

Curupira um ser em ação,
com seu jeito assobiador a afastar o caçador,
com seu jeito acolhedor abraça e beija a natureza, a mata agradece e se alegra.

Com sua doce versão, protege os animais no seu coração,
curupira ali, curupira lá, floresta, sempre seu lar.

Conto do Curupira

Ilsanete Maria Macêdo Simões

Vamos contar o que aconteceu em um território amazônico, onde a sabedoria tradicional contribui harmoniosamente com estudos interdisciplinares.

O Curupira, um guardião mítico da floresta descrito com cabelos de fogo e pés virados para trás, é conhecido por proteger a mata e enganar aqueles que a desrespeitam, como caçadores e lenhadores negligentes.

Uma equipe de pesquisadores do Instituto Federal do Pará, composta por especialistas em ciências ambientais, biologia, antropologia e linguística, chegam a uma aldeia local com o objetivo de estudar a biodiversidade, a diversidade linguística e os saberes tradicionais dos habitantes. Entre eles está Ísis, uma jovem bióloga fascinada pela riqueza natural da região e pela interculturalidade.

Durante conversa com os anciãos da aldeia, Ísis ouve uma história sobre um grupo de lenhadores que desapareceu após desrespeitar a floresta. Pedro, um dos mais velhos, menciona que o desaparecimento foi atribuído ao Curupira.

Cismada, Ísis e sua equipe decidem investigar, acreditando que o mito pode esconder um método de preservação ambiental ou um meio de comunicar a importância da sustentabilidade.

Munida com seus conhecimentos biológicos e antropólogos, ela iniciou observando os padrões ecológicos e os comportamentos animais. Os demais da equipe conversaram com caçadores e agricultores locais, coletando dados sobre como interagem com o meio ambiente e coleta de registros fônicos dos mais antigos e mais jovens até dezoito anos para um futuro mapeamento linguístico.

Enquanto coletavam dados, Ísis se perde na floresta ao investigar um som estranho. Durante a busca do acampamento, ela encontra um santuário natural protegido, que parece guardado por uma presença invisível. Ela oferece um respeito silencioso ao Curupira.

No dia seguinte, um caminho claramente marcado leva Ísis de volta ao acampamento. Ela percebe que a lenda do Curupira, além de um mito, ensina sobre o respeito e a harmonia com a natureza. Eles decidem incluir em suas pesquisas e relatórios não apenas dados científicos, mas também o valor cultural das histórias tradicionais.

A lição do Kurupyra

Jairo da Silva e Silva

Havia um Tembê-Tenetehar da Aldeia Itaiwá,
Na TI do Rio Guamá, que todo dia ia caçar.

A caça ele nunca matava,
E com isso se alegrava?
O Kurupyra se perguntava.

Ka'apiwar ele matava,
Tamanua, Ymâtà,
A tapyr, akoti,
Em todos atirava,
O ka'i, já derrubava,
Mas nada o Tembê levava.

Montado em seu arapuha,
Kurupyra, a observar,
Ele vai te ensinar,
Vais deixar de ser um leso,
Logo vais aprender caçar,
Amanhã eu te pego,
Mencionou o Kurupyra.

Se matas sem necessidade,
A lição vais aprender,
Na floresta não se caça,
Se a intenção não é comer,
Mencionou o Guardiã, da floresta dos Tembê.
Desde aquele dia, o Tembê já nada mais matava,
Porque o Guardiã, quando via, a caça ele espantava,
Agora já não encontra, o que antes desperdiçava.
A lição iria aprender, Kurupyra vai ensinar.

Kurupyra a ele pegou,

O amarrou e como uma caça o levou.
 Até chegar à casa do Kurupyra,
 Muitos animais, o Tembê enxergou:
 Alguns de mãos quebradas,
 Outros agonizavam,
 Uns, bichos já davam,
 Havia emagrecidos e muitos o Kurupyra, da morte salvava.

Pra quê tanta ganância, se não vais te alimentar?
 Pra quê tanta ignorância? Perguntou Kurupyra.
 Essa noite fica aqui, desses bichos vais cuidar.
 Não te preocupes, que a tua vida vou poupar.
 Só te solto de manhã. A Floresta vais respeitar.

O Tembê foi alimentado,
 Kurupyra dele também cuidou,
 Parecendo um pajé, o Tembê a muitos curou.
 Pela manhã foi libertado, envergonhado de sua maldade,
 Ao chegar à sua aldeia, foi a maior felicidade.
 Aos parentes, preocupados, ensinou a lição:
 Caçar se precisar e desperdiço nunca mais, não!

Desde então,
 Desperdício nunca mais!
 O que fazia aquele Tembê, agora ninguém faz,
 O Tembê levou o ensinamento, repassado pelo Guardiã:
 Kurupyra vigia a mata, e ensinou a ter compaixão,
 Quem se atreve a caçar como um leso, não reclame da judiação.

Vocabulário

T.I. do Rio Guamá: *Terra Indígena do Alto Rio Guamá, localizado no NE do PA.*

Ka'apiwar: *capivara*

Ka'i: *macaco*

Ymâtà: *porco do mato*

Arapuha: *veado*

Tapyr: *anta*

Os pés virados

José Lucas Ferreira Quaresma

No meio da floresta, ele gosta de brincar,
Kurupira, o amigo, vem nos ensinar.
Com pés virados pra trás, ele faz a festa,
Protege os animais e cuida da floresta.

Sorrindo entre as árvores, ele é bem esperto,
Com seu jeito travesso, deixa tudo certo.
Se alguém quer machucar, ele logo aparece,
E com sua magia, a natureza fortalece.

Kurupira é amigo, sempre a nos guiar,
Nos mostrando que a vida é pra se cuidar.
Na dança das folhas e no canto do passarinho,
Ele traz alegria e faz tudo ter um carinho.

Curupira no Rio Bacuri

Larissa dos Santos Brabo

Na minha comunidade ribeirinha localizada no Rio Bacuri, os moradores da localidade conhecem o curupira como o protetor da mata.

Onde quer que seja, que vá pra matar e destruir sem necessidade, o curupira dá uma boa lição. Por exemplo, deixar a pessoa sem rumo, tonto(a), onde anda em círculos, e nunca sai do lugar que estar.

Várias pessoas já ouviram histórias e até mesmo passaram por situações assim, onde só foi encontrado(a) quando a família deu por falta, e foi atrás procurar.

Portanto, fica de observação para nós, que devemos apenas obstruir aquilo que é preciso. E acima de tudo, preservar aquilo que nos ajuda e fortalece todos os dias!

Amor curupira

Maria Benedita dos Santos Ferreira

Amor curupira,
não sabe se vai ou se vem,
na mata, esconde se dentro da floresta
não sabe se some ou aparece

Que amor curupira, sigo seus passos
e não alcanço, nunca sei sua direção
amor que maltrata e faz sofrer meu coração
sigo sozinha nessa mata correndo atrás de
um curupira brincalhão.

O Kurupyra

Maria Helena dos Santos Pimentel

No meio da floresta habita um ser que é o guardião da floresta, e que pune aqueles que entram nela para derrubar ou caçar sem precisar, esse ser se chama kurupyra. Conhecido por ter os pés para trás e ter o cabelo como fogo.

Minha bisavó contava que quando havia muita fartura de caça, o meu bisavô matava só por diversão e que às vezes esquecia de ir buscar no mato quando colocava bodogue.

Teve um tempo que ficou sem pegar caça umas 2 semanas aí ele foi para o mato varrer o caminho pra caçar de noite, quando ele viu algumas pegadas pelo mato aí ele seguiu ficou andando um tempo atrás dessas pegadas, mas nunca chegava a lugar nem um foi até que ele ficou tonto e desmaiou.

Quando ele acordou, viu um vulto lá longe tocando uma flauta de bambu aí ele pensou em chamar, mas quando ele se deu conta do cabelo ruivo como fogo ele não pensou duas vezes em ficar de boca fechada.

Aí ele tentou sair de mansinho, mas percebeu que seu terçado não estava com ele, aí ele ficou desesperado tentou sair de mansinho quando ele viu o kurupyra já estava de costa com ele e disse: “- Se tu não necessitas de caça, porquê tu matas?” meu bisavô não conseguia nem responder; só concordava com a cabeça.

Daí que o kurupyra abriu caminho pra ele passar e falou: “- dessa vez não vou te fazer mal algum, mas se tu continuares com esse estrago de animais vai ficar sem caça por mais tempo de que já está”. O meu bisavô saiu correndo não quis nem olhar pra trás pra ver como era o rosto do kurupyra.

Quando ele chegou em casa, ficou calado e passou várias semanas sem caçar; até num final de tarde, ele estava preparando matapi, quando viu o terçado que tinha perdido no mato estava atrás da casa. Entendeu ele que era um sinal que o kurupyra tinha deixado ele caçar novamente.

Poema da Kurupira

Maria Leonice Belo Araújo

Kurupira, meu amigo,
Defensor da floresta e da fauna
Menino travesso de cabelos de fogo
Precisamos tanto dos teus poderes
Para salvar a natureza.

Confundes os caçadores e aqueles destruidores da fauna
Mas com seus pés investidos confundem
Aqueles malfeitores com rastros falsos,
levando a se perderem na mata

Com seus assovios perturbam e desorientam
Seus predadores
Kurupira, meu amigo, protetor da natureza
Protege os peixes, os animais e as caças
Não deixe o homem predar a natureza.

Amigo do homem e da natureza,
Protege nossas flores e matas devastadas
Com esperteza e rapidez
Nunca abandone sua missão de protetor.

Curupira: guardião da floresta

Matheus Monteiro de Sousa

No coração da mata, onde a vida é canção,
Habita o Curupira, com sua proteção.
Cabelos de fogo, pés virados ao chão,
Um espírito travesso, guardião da criação.

Com risos e danças, ele faz a floresta vibrar,
Protegendo os animais, ensinando a respeitar.
Se alguém desvia o caminho, ou quer a terra explorar,
O Curupira aparece, pronto para assustar.

Seus olhos são estrelas que iluminam a escuridão,
E sua risada ecoa como um canto de união.
Ele é o guardião dos segredos da natureza,
Um símbolo de vida, força e beleza.

Cuidado com as pegadas que você vai deixar,
Na trilha do Curupira, é preciso respeitar.
Pois a floresta é um lar que devemos preservar,
E com amor e carinho, podemos sempre cuidar.

Assim vive o Curupira, eterno em sua missão,
Proteger a floresta e toda sua criação.
Que possamos aprender com sua sabedoria,
A valorizar a vida em harmonia e alegria. ❤️

Defensor da natureza e da Amazônia

Myllena dos Santos Monteiro

Kurupira, um ser que na mata mora,
Criatura que preserva a floresta,
Defensor da natureza e da Amazônia,
Ensinando a harmonia na importância de cuidar.

Quando o sol se põe e a lua surge,
Kurupira desaparece na mata com um sorriso brilhante,
Mostrando a importância da beleza da natureza,
Onde vive e é seu lar.

Com seus passos ligeiros,
Um caçador audaz,
Sua sabedoria e essência pura
Nos traz ternura e paz.

Jovem caçador, com um olhar defensor,
Compreende que proteger a floresta é sua grande missão,
Diante de tanta sabedoria,
Preserva com tanta harmonia.

Histórias de Curupira

Tatiara Ferranti Nery

Em minhas memórias eu encontro

Uma explicação

Para a existência de certos seres

Encontrados no meu chão

Curupira anda na mata

Protegendo nossas terras

Mas o homem segue seu curso

Queimadas, poluição, grilagem,

CAPITAL NA MÃO

Curupira, onde estais? Expulsa esse vilão

Não deixe nossa mata

Sofrer com tanta destruição

Onde há Curupira há esperança

Defensor da Mata, da floresta,

da minha vida e do meu chão,

do verde a preservar

Curupira, onde estais?

O nosso verde te espera

para sanar

os problemas de nosso lugar

O desenvolvimento aqui chegou

Porém com ele a dor assolou

Empresas se instalaram

Poluição se alastrou

Área portuária aqui chegou

Impactos ambientais gerou

Mas agora a COP se aproxima
O mundo olha diferente
para a minha Amazônia paraense
Lugar da biodiversidade
que abraça a sustentabilidade

Curupira, onde estais?
Protege nossas vidas
dos perigos que aqui há
pois onde tem Curupira
Esperança também há!

Às margens do Rio Muru

Zenildo dos Santos Quaresma

Às margens do Rio Muru,
Histórias nascem do vento,
Mitos que voam no escuro,
De gerações ao relento.

Um dia, na mata densa,
O tio saiu a caçar,
Mas a noite veio intensa,
E o perigo foi despertar.

Na escuridão que assombra,
Entre árvores a se mover,
Surge o Curupira em sombra,
Com pés ao contrário a correr.

Ele guarda a natureza,
O protetor do verde chão,
E quem fere com frieza,
Sofre da sua maldição.

A criatura, numa dança,
Transformou-se ao luar,
Mas o Curupira avança,
Pronto para o punir sem parar.

No escuro, um grito ecoa,
Adrenalina a correr,

Enquanto a mata ressoa,
O medo começa a crescer.

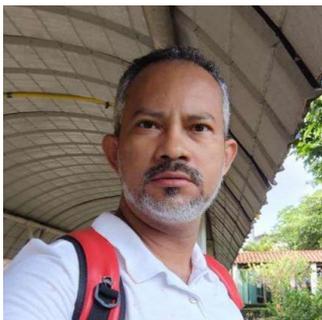
Na chuva, trovões gritaram,
O céu em fúria a chorar,
Mas os homens encontraram
Quem pediu por se salvar.

E lá estava o Curupira,
Cabelo em fogo a brilhar,
Seu aviso era a ira,
Para nunca mais errar.

SOBRE OS ORGANIZADORES



Jairo da Silva e Silva: Doutor em Letras: Linguagens e Representações (Linha de pesquisa: Linguística Aplicada) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC, 2023). Mestre em Letras: Linguística (Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais) pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2017). Pós-graduado (lato sensu) em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI, 2023). Pós-graduado (lato sensu) em Literatura Africana, Indígena e Latina; e pós-graduado (lato sensu) em Metodologia do Ensino de Língua Espanhola, ambas as formações pela União Brasileira de Faculdades (UniBF, 2020). Pós-graduado (lato sensu) em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA, 2018). Pós-graduado (lato sensu) em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME, 2010). Licenciado em Letras Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, 2008). Cursa a graduação de Bacharelado em Direito pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia (FAM, 2020-atual). Cursa a segunda licenciatura em Letras Inglês pela Universidade da Amazônia (Unama, 2024). Desde 2016, atua como professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba), onde exerce a função de Coordenador do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI). É membro do grupo de pesquisa Grupo de Estudos em Educação, Memórias e Culturas na Amazônia Paraense - GEMCA/IFPA, cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente na interface Práticas discursivas, Ensino de Espanhol, Literatura Indígena, Amazônia paraense (Região do Baixo Tocantins) e Direitos Humanos. Faz parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, localizada na Ilha de Cotijuba - Belém/PA. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3826053383334980>.



Jaime Barradas da Silva: Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA, 2014). Especialista em Arte Educação pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER, 2006). Especialista em Estudos Contemporâneos do Corpo pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2012). Graduado em Pedagogia Infantil pela Universidade do Estado do Pará (UEPA, 2005). Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2009). Atuou como Docente por 12 anos no ensino superior na Escola Superior Madre Celeste. Desde 2017, atua como Professor EBT/ com Dedicção Exclusiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA); Atuou como Coordenador Geral de Extensão – IFPA/Campus Abaetetuba; Coordenador do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas no IFPA - Campus Abaetetuba; Atuou como vice-coordenador do Laboratório de Experimentação Artística do IFPA Campus Abaetetuba. Atua como Artista-pesquisador do Grupo de Pesquisa em Poéticas Visuais Igarahart; Ator-Pesquisador da Companhia Brasileira de Cortejo e da Companhia Atores Contemporâneos de Teatro do Movimento. Exerce a função de Coordenador de Ensino e Políticas Educacionais. Tem experiência na área de Educação Superior e Artes, com ênfase em História da Arte,

História do Teatro, Performance Artística e Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: Corpo, Gênero e Arte; Educação, Legislação e Política Educacional, Performance, Artes do Corpo, Vídeo-Instalação, Ensino de Arte, História do Teatro, História da Arte, História da Educação e Metodologia da Pesquisa. Faz parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, localizada na Ilha de Cotijuba - Belém/PA. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4054369926239383>.

Davi Adam Guimarães da Silva: Natural do Rio Ajuí, Ilhas de Abaetetuba/PA. Bolsista (Técnico) do Projeto de Extensão ALDEIA (1ª e 2ª edição). Técnico em Mecânica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). Estudante do curso de Direito na Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia/FAM-Abaetetuba. Faz parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, localizada na Ilha de Cotijuba - Belém/PA. E-mail: davi30x3@gmail.com.



SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES



Alana Marques Corrêa: Natural do Rio Jarumã, Ilhas de Abaetetuba/PA. Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Humanas e Sociais no Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: alanamaques19@gmail.com.



Anderlei Carneiro Vilhena: Graduado em Letras - Espanhol pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Baixo Tocantins. Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Espanhola, pela Faculdade da Região Serrana - FARESE. Atua como professor colaborador no curso de redação In Litteris, em Abaetetuba-Pa. Atua como mediador de leitura no Clube de Leitura TEIA (Tecendo a Escrita Inventiva e Autoral), fundador do Clube de Leitura Zion, ambos em Abaetetuba-Pa. Membro do Grupo de Estudo de Gênero (GREG/UFRR), cadastrado no diretório do CNPq. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. E-mail: anderlei00@gmail.com.



Anne Caroline Viegas André: Natural do Rio Sapucajuba, ilhas de Abaetetuba/PA. Sou estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Humanas e Sociais, pelo Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: annecarolineviegas@gmail.com.



Antonilda da Silva Santos: Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2004). Pós-graduada (lato sensu) em Educação para Relações Étnico raciais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA, 2011). Mestra em Educação e Cultura (Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem) pela Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEDUC, 2019). Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Desde 2000, é servidora do quadro efetivo da Prefeitura Municipal de Abaetetuba, onde atua como professora do ensino fundamental (anos iniciais), atualmente, lotada na Escola Municipal Criança Esperança. Atua como assessora pedagógica contratada na Universidade Estadual do Pará (UEPA/Campus Barcarena) e professora horista em cursos de graduação e pós-graduação na Faculdade de Educação e Tecnologia do Pará (FAETE). Participa como pesquisadora em dois grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Pesquisa do CNPq: Grupo de Pesquisa em Educação Básica Interdisciplinar da Amazônia Tocantina

(GPEBIAT/IFPA), Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Memória, Formação Docente e Tecnologia (GPEPEME/UFPA). É associada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente na interface Educação para as Relações Étnico raciais, Educação Inclusiva, Educação Quilombola, Formação de Professores, Formação Continuada de Professores, Planejamento, Gestão Escolar e, Avaliação. E-mail: antonilda833@gmail.com.



Benedito Maciel e Maciel: Natural do Rio Itacuruçá, Ilhas de Abaetetuba/PA. Graduado em Licenciatura em Física (UFPA) - Campus de Abaetetuba (2023). Graduando em Licenciatura em Geografia (IFPA). Especialista em Educação Especial e Inclusiva (IFMG). Especialista em Educação Ambiental e Cultural (IFAL). Cursa Especialização em Ensino de Geografia (UFVJM). Professor voluntário de Geografia do curso preparatório para o ENEM (PUA-UFPA). Bolsista de Projeto de Extensão ALDEIA - IFPA. E-mail: ditomaciel@gmail.com.



Brenda Miranda Portugal: Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Humanas e Sociais no Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: brendaportugalb@gmail.com.



Cláudio José Dias: Especialista em Tecnologias aplicadas a Educação pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (Faveni). Licenciado em Letras Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi Membro do conselho de alunos de espanhol da UFPA desde 2020 a 2023. Colaborador do projeto de extensão “O espanhol em Abaetetuba-José Martí desde 2019”. Fez curso de atualização para professores de Espanhol (APEE-BA, 2022). Foi bolsista do programa LABRIFRA (Projeto de Ensino--Graduação Modernização do Laboratório de Linguagem de 2021 a 2023). Fez parte do PIBID (Programa institucional de bolsas de iniciação à docência, 2018-2020). Estudou Espanhol avançado em 2012 no IES FranciscoAyala-Granada/Espanha. Possui certificação de proficiência em espanhol nível C1- Marco Comum Europeu pelo Instituto Cervantes. E-mail: claudiodias09@gmail.com.



Cleison Correa Gonçalves: Natural do Rio Urucuri, Ilhas de Abaetetuba/PA. Sou estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Humanas e Sociais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: kc1802009@gmail.com.



Davi Adam Guimarães da Silva: Natural do Rio Ajuí, Ilhas de Abaetetuba/PA. Bolsista (Técnico) do Projeto de Extensão ALDEIA (1ª e 2ª edição). Técnico em Mecânica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). Estudante do curso de Direito na Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia/FAM-Abaetetuba. Faz parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, localizada na Ilha de Cotijuba - Belém/PA. E-mail: davi30x3@gmail.com.



Douglas César Pinheiro Santos: Estudante do curso de Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: pinheirodouglas698@gmail.com.



Elivan Cardoso Quaresma: Sou do Rio Paramajó, natural do município de Abaetetuba/PA. Atualmente, estou graduando o curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Humanas e Sociais pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Pará (IFPA)-Campos Abaetetuba. E-mail: elivanquaresma@gmail.com.



Erik da Silva Rodrigues: Estudante do curso de Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). Bolsista de Extensão no Projeto “Projeto Cineclubes Janelas para o Rio Abaeté”. E-mail: erikrodrigues1311@gmail.com.



Giovana Lobato Baia: Estudante do curso de Licenciatura em Geografia no Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: lobatogiovanabaia@gmail.com.



Ilsanete Maria Macêdo Simões: Possui graduação em Pedagogia - UNIFAVENI Centro Universitário Favени Ltda (2024) Especialista em Linguística e Produção Textual -Faculdade de educação e Tecnologia da Amzônia - FAM (2020) Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2019) e Técnica em Contabilidade com registro no Conselho Regional de Contabilidade. Atualmente é professora de Língua Portuguesa - Secretaria de Estado de Educação. Tem experiência em sala de aula com ênfase em Língua Portuguesa, Literaturas indígenas e Redações Técnicas. Atuando principalmente com os seguintes temas: variação linguística, livro didático e educação intercultural. E-mail: profilsa1974@hotmail.com.



Jaime Barradas da Silva: Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2014). Especialista em Arte Educação pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER, 2006). Especialista em Estudos Contemporâneos do Corpo pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2012). Graduado em Pedagogia Infantil pela Universidade do Estado do Pará (UEPA, 2005). Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2009). Desde 2017, atua como Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Extensionista Colaborador do Projeto de Extensão ALDEIA. Faz parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, localizada na Ilha de Cotijuba - Belém/PA. Currículo Lattes: jaime.barradas@ifpa.edu.br.



Jairo da Silva e Silva: Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC, 2023). Mestre em Letras: Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2017). Pós-graduado (lato sensu) em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI, 2023). Pós-graduado (lato sensu) em Literatura Africana, Indígena e Latina pela União Brasileira de Faculdades (UniBF, 2020). Licenciado em Letras Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, 2008). Cursa a graduação de Bacharelado em Direito pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia (FAM, 2020-Atual). Desde 2016, atua como professor no Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba), onde exerce a função de Coordenador do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI). Coordenador do Projeto de Extensão ALDEIA. Faz parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, localizada na Ilha de Cotijuba - Belém/PA. Currículo Lattes: jairo.silva@ifpa.edu.br.



Jociel Ferreira: Natural da Comunidade Quilombola Ramal Piratuba Na Zona Rural de Abaetetuba/PA. Sou estudante de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará. Formado em Técnico de Saneamento pelo Instituto Federal do Pará Campus de Abaetetuba. Colaborador, pesquisador no Projeto: Movimento Negro e Quilombola em Abaetetuba. E-mail: fjociel531@gmail.com.



José Lucas Ferreira Quaresma: Sou do Rio Paramajó, natural do município de Abaetetuba/PA. Atualmente, estou graduando o curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Humanas e Sociais pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Pará (IFPA)-Campus Abaetetuba. E-mail: joselucasferreiraquaresma@gmail.com.



Jubila Dias Santos: Atualmente, é graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Abaetetuba. Possui interesse em ampliar seus conhecimentos através da participação em projetos de pesquisa e/ou extensão, com o intuito de agregar conhecimentos que possam vir a contribuir com a sua formação acadêmica, profissional e pessoal. E-mail: jubilaju139@gmail.com.



Larissa dos Santos Brabo: Natural do Rio Bacuri, Ilhas de Abaetetuba/PA. Graduanda de Educação do Campo no Instituto Federal do Pará (IFPA), e graduanda de Pedagogia na Universidade Paulista de Abaetetuba (UNIP). Possui cursos: Libras, ECA/Psicopedagogia/C.Crianças Especiais, Educação Especial, Operador de Caixa e Informática Básica e Avançada. E-mail: larissasantos302005@gmail.com.



Maria Benedita dos Santos Ferreira: Licenciada em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia pela ÚNICA. Ribeirinha, nascida e criada às margens do Rio Jarumã Miri. Apaixonada pelo privilégio de aprender. E-mail: ditasantos600@gmail.com.



Maria Helena dos Santos Pimentel: Nascida na cidade de Abaetetuba, moradora do Rio Tauerá de Beja, é agricultora e é estudante dos cursos de licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba) e Técnico em Agronegócio no Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/ Polo de Igarapé-Miri). Fascinada pela natureza e pelo privilégio de aprender. E-mail: mariahelenadossantospimentel7@gmail.com.



Maria Leonice Belo Araújo: Estudante do curso de Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). Possui curso profissionalizante em Técnico Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: beloaraujomarialeonice@gmail.com.



Mateus Monteiro de Sousa: Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Humanas e Sociais no Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). E-mail: mateusmonteiroaz2@gmail.com.



Myllena dos Santos Monteiro: Natural do Rio Costa Maratauíra, Ilhas de Abaetetuba/PA. Graduanda em Licenciatura em Educação do Campo Ciências Humanas e Sociais no Instituto Federal do Pará (IFPA). Abrange curso em Saberes e Práticas Pedagógicas na Educação Especial e Inclusiva, curso de Informática básica e avançada, e secretariado. E-mail: monteiromyllena0@gmail.com.



Raquel Rodrigues Pinheiro da Luz: Moradora da Comunidade Quilombola Médio Itacuruçá, localizada no município de Abaetetuba-PA. Atua a dezesseis anos na educação básica como docente. Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Pará. Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Miriense. Pós-graduanda em Educação de jovens e Adultos: Saberes Ribeirinhos e Práticas Pedagógicas pelo Instituto Federal do Pará (IFPA, Campus Abaetetuba). E-mail: raquel.rodriguesluz01@gmail.com.



Tatiara Ferranti Nery: Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Possui especialização em "Estudos Linguísticos e Análise Literária" pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e em "Comunicação Corporativa" pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ). Atualmente, é jornalista com ampla experiência em Assessoria de Comunicação e Marketing Político, professora efetiva de Língua

Portuguesa da rede municipal de ensino da Prefeitura de Moju-PA e docente dos cursos de Direito e Enfermagem da Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ/Abaetetuba), ministrando as disciplinas de Marketing e Empreendedorismo; Leitura e Produção de Texto, Linguagem Jurídica e Metodologia Científica. Já foi, inclusive, docente do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), na UFPA - Campus Abaetetuba e integra o Grupo de Pesquisa das Identidades e Subjetividades da Amazônia Paraense (GEDISPA). Atua, ainda, como corretora textual de livros e produções acadêmicas e desenvolve projetos de pesquisa nas escolas e nas universidades nas áreas de Análise do Discurso, Letramento, Mídia, Comunicação de Massa, Poder e Discurso, inter-relacionando com a cultura regional amazônica e com os estudos das identidades culturais numa visão decolonialista. E-mail: tatiaraferranti@hotmail.com.



Zenildo dos Santos Quaresma: Natural do Rio Meruí, zona rural de Igarapé-Miri/PA. Formado em Técnico em Enfermagem. Atualmente, graduando do curso de licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA/Campus Abaetetuba. E-mail: zenildo.quaresma@abaetetuba.ufpa.br.

